A LIAHONA

AGOSTO DE 1987

A LIAHONA

Agosto de 1987 Volume 40 nº 8
PBMA8708PO - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, apresentando matérias das revistas ENSIGN, NEW ERA e FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin

Consultores: Hugh W. Pinnock, John H. Groberg, James M. Paramore, Derek A. Cuthbert

Editor: Hugh W. Pinnock

Diretor das Revistas da Igreja:
Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editores Associados: David Mitchell, Jan U. Pinborough

Seção Infantil: Diane Brinkman

Layout e Desenhos: N. Kay Stevenson, Sharri Cook

Produção: Reginald J. Christensen

Gerente de Marketing: Thomas L. Peterson

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:
Flavia G. Erbolato

Produção Gráfica:
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

Capa: Fotografia de Four by Five, Inc., Foto do Templo de Sidney, por Michael M. McConkie

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.
SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP**. Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cz$ 120,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cz$ 10,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matriculas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Rua Rocha, 288 - Fone: 289-7279 - Fotolitos e Impressão: Editora Gráfica M.N.J. Ltda. - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. **Redação e Administração:** Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

ÍNDICE

2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA:
DEDICAR-SE AO SERVIÇO DO SENHOR
Presidente Gordon B. Hinckley

7 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES:
ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA E DE RECURSOS

8 ÉLDER L. TOM PERRY:
SERVIR COM ENTUSIASMO
Élder Loren C. Dunn

13 PERGUNTAS E RESPOSTAS:
COMO REAGIR A PERGUNTAS INAMISTOSAS SOBRE A IGREJA
Steve F. Gilliland

16 MASAO WATABE:
SERVINDO EM MISSÃO PERPÉTUA
Joseph Jung

19 A VOZ DO PAI
Robert W. Paris

20 O QUE NÉFI ENSINA PARA VENCER O DESÂNIMO
Elizabeth K. Ryser

23 A AUSTRÁLIA HOJE
Michael Otterson

26 BOB COWAN:
O MOMENTO QUE MUDOU SUA VIDA

27 MARGARET LAWSON:
A SUD SOLITÁRIA DE KUNUNURRA

29 AUSTRÁLIA:
A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO VINTE
Marjorie A. Newton

32 CASAMENTO SEM MANIPULAÇÃO
Larry K. Langlois

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

38 O LIVRO DE MÓRMON É UMA HISTÓRIA FAMILIAR PARA "THE JETS"
Lisa A. Johnson

44 UM MENINO DE WHITNEY
Melvin Leavitt

SEÇÃO INFANTIL

2 HISTÓRIA DAS ESCRITURAS:
UMA MUDANÇA DE CORAÇÃO, I PARTE
Sherrie Johnson

4 TEMPO DE COMPARTILHAR:
COMO SE INICIOU A PRIMÁRIA
Pat Graham

6 DE UM AMIGO PARA OUTRO:
ARDETH G. KAPP

8 SÓ PARA DIVERTIR

Jets

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

DEDICAR-SE AO SERVIÇO DO SENHOR

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Embora já se tenham passado mais de três anos desde a dedicação do Templo da Cidade da Guatemala, na Guatemala, América Central, recordo-me vividamente da maravilhosa e tocante experiência que foi participar daqueles serviços sagrados.

Em dez sessões dedicatórias, milhares de pessoas se uniram na apresentação dessa casa santa a Deus, nosso Pai Eterno, e a seu Amado Filho, Jesus Cristo. Pessoas familiarizadas com o povo calcularam que mais de setenta e cinco por cento dos presentes eram descendentes de Léhi.

Que inspiração olhar seus rostos: belos homens e mulheres, com filhos encantadores. Era como se estivesse vendo, quase como em visão, gerações de seus antepassados, os gloriosos dias de força e bondade, em que conheciam e adoravam o Cristo, e depois os trágicos e miseráveis anos, estendendo-se por muitas gerações, em que, tendo-o rejeitado, verteram sangue de ferimentos causados pelos conflitos, e viveram em dor, imundície, pobreza e opressão.

Centenas dos que compareceram aos serviços dedicatórios viviam nas montanhas e florestas da Guatemala e outras regiões da América Central. Vieram porque sua vida foi afetada por missionários fiéis que andaram de humilde em humilde morada, falando àquela gente de seus antepassados, e lhes leram as palavras de seu próprio testamento esquecido, o testamento do Cristo, no Livro de Mórmon. Eles foram tocados pelo poder do Espírito Santo. As escamas de trevas caíram de seus olhos, de maneira lenta mas segura. Agora encontramos entre eles homens fortes servindo como presidentes de estaca e missão, como bispos e patriarcas de seu povo. Vemos igualmente entre eles, fortes e belas mulheres que presidem a Sociedade de Socorro, as Moças e a Primária, que ensinam sinceramente nas organizações da Igreja. Em cada uma dessas pessoas, existe um amor forte ao Senhor, e um testemunho tocante. É um milagre dos últimos dias, uma coisa maravilhosa de se contemplar. Como aconteceu? Como tudo isso chegou a ser como é?

Ilustração de Larry Winborg

O Verdadeiro Espírito do Mestre

Não é preciso olhar muito longe, pelo menos não além dos inúmeros missionários que trabalharam naquela parte do mundo, que, em obediência ao Senhor, aceitaram o chamado do profeta para cumprir missão. Há muito tempo, o Apóstolo Pedro afirmou que Jesus andava fazendo o bem. Como seus embaixadores, os missionários de nossa geração têm ido e continuam a ir por todo o mundo, fazendo o bem no verdadeiro espírito do Mestre. Gostaria de descrever um deles. Ele é típico de tantos outros, que desejam sinceramente servir ao Senhor.

Ele veio da Califórnia, e foi criado da maneira usual como não-membro da Igreja. Conheceu uma jovem mórmon. Ficou tão impressionado com ela, que, ao descobrir que era membro da Igreja, desejou saber mais a respeito desta. Estudantes universitários SUD ensinaram-lhe o evangelho, enquanto ele terminava um difícil programa de estudos. Foi batizado. Depois, trabalhando à noite e nas férias, economizou dinheiro suficiente para sustentar-se os dezoito meses da missão, se fosse econômico. Foi chamado para a Guatemala. Era um rapaz muito bonito, com um intelecto brilhante e uma ótima educação, num campo altamente técnico. Encontrei-o no Templo da Cidade da Guatemala. Apertou-me a mão calorosamente. Perguntei-lhe: — Você está feliz?

— Oh, sim, muito feliz! — respondeu. Perguntei-lhe onde estava trabalhando como missionário.

— Entre os lamanitas, o povo nativo da Guatemala. É um lugar muito pequeno, com muitas dificuldades, mas o povo é maravilhoso e eu o amo.

As Promessas do Senhor

Ao pensar naquele jovem alto e simpático, bem dotado e culto, trabalhando com os índios da Guatemala, numa aldeia da floresta, lembrei-me das palavras de Samuel, o lamanita:

"Sim, eu vos anuncio que as promessas do Senhor foram estendidas a nossos irmãos, os lamanitas, nos últimos dias; e, apesar das muitas aflições que hão de experimentar, e não obstante terem ainda de ser desviados para um e outro lado na superfície da terra, perseguidos, feridos e dispersados, sem terem lugar para se refugiar, o Senhor será misericordioso para com eles.

E isso segundo a profecia de que serão levados ao verdadeiro conhecimento, que é o conhecimento de seu Redentor e seu grande e verdadeiro pastor, e serão contados entre suas ovelhas." (Helamã 15:12-13.)

Esse jovem missionário, com seus companheiros, estava levando às pessoas com as quais andava, "o verdadeiro conhecimento, que é o conhecimento de seu Redentor, e seu grande e verdadeiro pastor", para que pudessem ser contadas entre suas ovelhas.

Esse jovem, em particular, não recebia cartas de seus pais, nem dinheiro, nem incentivo. Tinha dinheiro suficiente, que ele mesmo economizara, para sustentar-se durante dezoito meses. Como sua missão estava no fim, quando começamos a estender as missões de dezoito para vinte e quatro meses, ele tinha a opção de permanecer mais seis meses. Emocionado, perguntou ao presidente da missão: "Existe algum meio de eu conseguir ajuda para permanecer mais seis meses trabalhando com essas criaturas que amo tanto?" Foi encontrada uma pessoa que o ajudou a pagar as despesas, e o missionário serviu vinte e quatro meses, integralmente.

Como ele, existem outros milhares trabalhando hoje em muitas terras, os quais, no espírito do Senhor, estão fazendo um grande bem.

Presidente do Templo

Quero contar-vos a respeito de outra pessoa que conheci na Guatemala. É John O'Donnal, o presidente do Templo da Cidade da Guatemala. Postado diante de uma congregação e com voz embargada, contou sua história.

Quando jovem, formara-se em ciência agrícola na Universidade do Arizona. Como funcionário do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, foi enviado à Guatemala para trabalhar num projeto de cultura de seringueiras naturais, necessárias num momento crítico durante a Segunda Guerra Mundial.

Contou ele: "Tinha vinte e quatro anos de idade e era solteiro, quando vim para a Guatemala, há quarenta e três anos. Havia sido ensinado a amar o Salvador e seus ensinamentos. Durante meu trabalho aqui, caminhando dia após dia por estas montanhas e florestas, entre os nativos da região, passei a conhecê-los e amá-los; e vendo a pobreza e escuridão em que viviam, chorava por eles. Eram as pessoas mais puras que já encontrara, mas não tinham a luz do evangelho. Clamei ao Senhor por eles. Sabia que sua única esperança seria obter um conhecimento de Jesus Cristo e amor a ele, recebendo o registro de seus antepassados, que dele testifica.

Depois, apaixonei-me por uma linda jovem que tinha sangue inglês e alemão, e também o sangue de Léhi, Lamã e Samuel. Casamo-nos e passamos a lua-de-mel numa casinha nas montanhas, entre os nativos.

Disse-lhe que um dia aquele povo precisaria ouvir o evangelho, e que eles se ergueriam em força e beleza.

Dedicação da Terra

Em 1946 e novamente em 1947, viajei para a Cidade do Lago Salgado, em Utah, e pedi ao Presidente da Igreja que enviasse missionários ao país. Finalmente, em dezembro de 1947, o presidente da missão e seus conselheiros trouxeram quatro élderes à nossa casa. No dia seguinte, dirigimo-nos a uma

montanha, onde participamos do sacramento, e o presidente da missão dedicou a terra à pregação do evangelho restaurado.

Minha mulher foi a primeira guatemalteca a ser batizada em A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Hoje ela está ao meu lado, como superintendente deste belo templo."

Ele continuou: "Em 1956, sofri um grave acidente e fui levado ao hospital para ser operado. Quase perdi a vida, e, naquelas circunstâncias, tive uma experiência memorável. O Senhor mostrou-me que seria construído um templo nesta terra.

Fui também informado, por um poder além do poder do homem, que eu não morreria, mas que minha vida não mais me pertenceria."

Sua vida não mais lhe pertenceu. Como cientista e administrador, estabeleceu e fez funcionar uma grande plantação de seringueiras, construiu e operou uma fábrica de pneus para uma das grandes companhias de borracha dos Estados Unidos. Fez, porém, algo ainda mais significativo. No espírito do Mestre, passou a fazer o bem. Trabalhou compartilhando o evangelho com os nativos da Guatemala. Durante mais de quarenta anos, viveu com eles, falando sua língua, sofrendo com eles, ensinando-lhes o evangelho eterno, e foi um tranqüilo, despretensioso, mas magnífico pioneiro na promoção da obra do Senhor naquela terra.

Quando andava pelas trilhas da floresta sozinho, era o único membro da Igreja naquele país. Hoje, são mais de quarenta e quatro mil. Ele acalentou o primeiro e pequenino ramo. Hoje há oito estacas de Sião na Guatemala, e muitas mais nos países vizinhos da América Central. Outrora, alguns poucos membros reuniam-se em sua casa. Hoje, vemos belas capelas da Igreja pelo país inteiro. Numa colina fora da Cidade da Guatemala, ergue-se um magnífico templo, em cuja torre mais alta vemos a figura de Morôni.

Foi esse Morôni quem nos deixou, em suas palavras finais, este desafio:

"Desperta e levanta-te do pó, ó Jerusalém; sim, e veste-te com tuas belas roupagens, ó filha de Sião; fortalece tuas estacas, alarga tuas fronteiras para sempre, para que não mais sejas confundida e sejam cumpridos os convênios que o Pai Eterno fez contigo, ó casa de Israel!

Sim, vinde a Cristo, sede perfeitos nele e negai-vos a todas as impurezas." (Morôni 10:31-32.)

Dar de Si

Foi dito a John O'Donnal, quando estava à beira da morte, que a vida lhe seria poupada, mas não seria mais dele. Como isto se aplica a cada um de nós! Ninguém pode dizer, com justiça, que sua vida lhe pertence. Nossa vida é um dom de Deus. Não viemos para este mundo por nossa própria vontade. Não partimos dele segundo nossos desejos. Verdadeiramente, nossos dias estão contados, não por nós mesmos, mas de acordo com a vontade de Deus.

Temos que compreender que não podemos adorar realmente a Cristo sem nos entregarmos a ele. Por que os missionários são felizes? Porque se perdem no serviço que prestam.

Por que as pessoas que servem nos templos são felizes? Porque sua obra de amor está em plena harmonia com a grande obra vicária do Salvador da humanidade. Eles não pedem nem esperam agradecimentos pelo que fazem. Na maioria dos casos, não conhecem nada além do nome daqueles em favor de quem realizam a obra vicária.

É muito triste que tantas pessoas usem a vida como se esta lhes pertencesse. É verdade que a escolha é nossa, e podemos desperdiçar a vida, se o desejarmos. Mas isto é uma traição à confiança grandiosa e sagrada que o Senhor depositou em nós. O Mestre deixou bem claro que "qualquer que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, mas, qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do evangelho, esse a salvará". (Marcos 8:35.)

Vamos, pois, agora, em nossos dias, cada um de nós esforçar-nos para amar mais generosamente os que nos cercam, no espírito de Cristo.

Os três miraculosos anos do ministério público do Senhor revelaram muitos grandes princípios da verdade. Todos foram transmitidos por preceito e pelo exemplo, e juntos representam ensinamentos que enriqueceram a humanidade durante os anos que se seguiram. De todas as pessoas, nestes últimos dias, nós temos o testemunho seguro de que, quando homens e mulheres o reconhecem e o seguem, gozam de paz e prosperidade. Quando o negam e ignoram seus conselhos, padecem dores, tristeza e trevas.

Vamos, pois, agora, em nossos dias, cada um de nós, esforçar-nos para amar mais generosamente os que nos cercam, no espírito de Cristo. Não é suficiente dar esmolas aos necessitados. Embora isto seja importante, uma dádiva, sem o doador, não tem qualquer significado; a pessoa que dá de si com o que oferece, alimenta três: — "Ela própria, seu irmão faminto, e a mim (o Salvador)." (James Russell Lowell, "The Vision of Sir Launfal", parte 2, estrofe 8.)

Que o significado do evangelho nos influencie de tal forma, que possamos entender que a vida, a nós concedida por Deus, nosso Pai, deve ser colocada a serviço do próximo.

Se prestarmos tal serviço, nossos dias se encherão de alegria e felicidade. E, mais importante que tudo, estarão consagrados a Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador, para bênção de todos aqueles cuja vida tocarmos. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

Alguns Pontos que Merecem Ênfase. Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. Nossa vida deve ser usada para servir as pessoas.
2. Não podemos adorar verdadeiramente o Senhor sem darmos de nós, servindo.
3. A pessoa que perde a vida na obra do Senhor, tem alegria, felicidade e paz interior.

Auxílios para o Debate

1. Fale de seus sentimentos pessoais a respeito daquilo que o Senhor ensinou sobre servir os outros.
2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?
3. Seria preferível abordar o assunto depois de primeiro conversar com o chefe da casa, antes da visita? Há uma mensagem do bispo ou do líder do quorum a ser transmitida?

A Segunda Vinda, *ilustração de Harry Anderson*

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES

ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA E DE RECURSOS

REQUISITO BÁSICO PARA O SUCESSO NA VIDA

Objetivo:
Compreender a responsabilidade de administrar prudentemente nossos recursos.

"Segurança financeira e paz de espírito sob quaisquer condições econômicas." Segundo o finado Presidente N. Eldon Tanner, estas são as metas da administração financeira. Para que possamos atingi-las, ele apresentou cinco diretrizes: (1) pagar o dízimo honestamente; (2) viver com menos do que se ganha; (3) aprender a discernir a necessidade do desejo; (4) elaborar um orçamento e viver dentro dele; e (5) ser honesto nos assuntos financeiros. ("Constância em Meio a Mudanças", *A Liahona*, março de 1980, p. 118.)

A maneira como administramos nossas finanças tem um impacto duradouro sobre nossa vida e nossa capacidade de servir e crescer espiritualmente. Enquanto as dívidas nos transformam em escravos, um meticuloso planejamento e orçamento nos deixam livres para cumprir as obrigações e gozar paz e progresso espiritual, advindos da vivência desses cinco princípios da boa administração financeira.

A administração financeira é algo que nos preocupa todos os dias. Precisamos pagar as contas. Os filhos precisam comer. Se recebemos cinco talentos, dois talentos ou um talento, nesta vida, não importa ao Senhor. Temos a responsabilidade de usar sabiamente os recursos, oportunidades e talentos com os quais o Senhor nos abençoou.

Certa irmã que tinha uma família numerosa, estabeleceu a meta de aproveitar melhor o salário do marido, usando a imaginação e os talentos. Encontrou uma forma de economizar dinheiro, costurando as roupas dos filhos menores, utilizando sobras de tecido que ela conseguia de graça nas fábricas. Na época da colheita, obtinham permissão para apanhar frutas que caíam das árvores de pomares locais, e ela fazia conservas para a família.

Outra irmã, depois de ficar em casa durante muitos anos, voltou a trabalhar, quando seu filho mais novo saiu em missão. Durante os anos em que ela e o marido trabalhavam, estudaram meios de administrar o dinheiro com mais sabedoria, economizando cuidadosamente tudo o que podiam. Aproveitavam as ofertas para manter o armazenamento sempre em dia e seguiam cuidadosamente o orçamento elaborado. Depois que o marido morreu, esta irmã continuou a praticar os excelentes hábitos de administração financeira. Ela ensinou também aos netos como administrar suas economias e fazer planos para a aposentadoria. Dispondo-se a aprender e aplicar diligentemente os cinco princípios de administração financeira, ela acumulou muitas economias e agora usa esses recursos para aproveitar a vida e abençoar a família.

Aplicando os cinco princípios de administração financeira, e pedindo a orientação do Espírito, tornar-nos-emos sábias no uso de nossos recursos e seremos abençoadas com progresso espiritual e paz de espírito no que diz respeito a finanças. □

SUGESTÕES PARA AS PROFESSORAS VISITANTES

1. Debata os cinco princípios de administração financeira apresentados pelo Presidente Tanner. Como cada um deles nos abençoa, tanto financeira quanto espiritualmente?

2. Como o fato de buscarmos primeiro o reino de Deus nos protege das conseqüências espirituais negativas do amor às coisas materiais?

(Ver PBHT5197PO *Livro de Recursos para a Noite Familiar*, pp. 193-194, Controle do Dinheiro, como material adicional.)

Em baixo, à direita: Uma fotografia da família em 1980: Élder Perry e esposa Bárbara (ao centro) cercados por (à esquerda) Bárbara Perry Haws, o marido Terry e seus filhos, Terry II e Esther; (ao centro, atrás) Linda Gay Nelson e o marido Michael; e (à direita) Lee Tom Perry e esposa Carolyn. Página seguinte: Leslie Thomas e Nora Sonne Perry ensinavam seus filhos (inclusive Tom, atrás à esquerda) que servir é um privilégio e bênção.

ÉLDER L. TOM PERRY

Servir com Entusiasmo

Élder Loren C. Dunn
do Primeiro Quorum dos Setenta

Roberta Jensen estava sentada no avião, tentando alimentar seu bebê e acalmar os outros três filhos, todos com menos de quatro anos. Estava exausta, sentia-se embaraçada e só.

O passageiro sentado do outro lado do corredor era um homem alto, alegre, que trajava um terno escuro e lhe parecia familiar. Quando lhe dirigiu a palavra, ele se apresentou como Élder L. Tom Perry. "Oh!" pensou ela. "Um apóstolo bem do meu lado! Será que ele vai perceber a confusão em que estou e ler o que sinto no coração?"

Quando o avião levantou vôo, as quatro crianças começaram a chorar. O embaraço de Roberta transformou-se em pânico. Subitamente o Élder Perry pôs de lado sua maleta, e perguntou gentilmente: "Posso segurar o bebê?" Durante o resto da viagem ele cuidou da criança, dando-lhe mamadeira e fazendo-a dormir, enquanto a mãe, agradecida, acalmava e alimentava as outras crianças.

Quando o jantar foi servido, ela quis pegar o filho, mas o Élder Perry, ainda sorrindo, disse que o bebê estava dormindo tranqüilamente e não havia necessidade de perturbá-lo.

"Sobrevivi à viagem", diz ela, "e guardei uma bela lembrança que fará parte de nossa família para sempre. O Élder Perry viu uma pessoa em dificuldade e deixou de lado suas próprias necessidades para ajudá-la."

Essa atitude solícita é característica do Élder L. Tom Perry, do Quorum dos Doze. E não é de admirar que ele tenha essa visão da vida, considerando-se sua criação e treinamento.

Servir É uma Bênção

Lowell Tom Perry nasceu a 5 de agosto de 1922, em Logan, Utah, sendo filho de Leslie Thomas Perry e Nora Sonne Perry. Seu pai serviu como bispo durante os primeiros dezoito anos da vida de Tom, e depois como conselheiro do presidente da estaca e presidente de estaca pelos vinte anos seguintes. A mãe foi conselheira na presidência da Sociedade de Socorro da ala durante todo o tempo em que Tom morou em casa. Por meio de seu procedimento, ensinaram os seis filhos que servir é um privilégio e uma bênção. O segredo era envolver as crianças em seus chamados.

"Mamãe era ótima no serviço de solidariedade", diz ele. "Todo o tempo ela visitava pessoas necessitadas, e gostava de que a acompanhássemos. Fazia-nos trabalhar, lavando janelas, tirando o pó dos móveis, limpando tapetes, coisas que as crianças podem executar sem causar problemas."

O pai também fazia que os filhos trabalhassem em seu chamado. "O prédio da ala era nosso segundo lar, tantas eram as vezes que íamos lá. Eu cortava a grama dos jardins, lavava as paredes e colocava carvão no velho aquecedor, para aquecer o edifício." E Tom e a mãe também ajudavam nos relatórios financeiros da ala.

Trabalhar em casa também era um projeto familiar. Embora o pai fosse advogado e passasse a maior parte do dia no escritório, eles tinham um grande quintal, uma vaca e uma horta. Grande parte da

responsabilidade era de Tom, o mais velho, que ajudava nas tarefas, além de entregar jornais na vizinhança.

Reunião Familiar

Quando chegava sábado à tarde, não era "hora de trabalhar — era hora de brincar"! Durante o verão, a família ia para uma montanha perto de sua casa, passear, pescar, participar de jogos — e comer. "O sábado à tarde era sempre *nosso*, da família. Podíamos

Como Marinheiro, continuava sua obra missionária entre os companheiros, como também servia ao povo japonês.

contar com isso."

O Élder Perry lembra-se do treinamento espiritual que os pais lhe ministravam, quando menino. "Acho que minha lembrança mais remota é orar junto ao joelho de minha mãe, antes de ir para a cama. Ela era uma mulher de grande fé. Era professora, uma ótima professora. (Ela se formara na Faculdade Agrícola Estadual de Utah, em 1910.) Enquanto passava roupa, ajudava-nos a decorar as Regras de Fé ou a tabuada."

Em uma das refeições do dia, ela virava as cadeiras ao contrário, a fim de que a família se ajoelhasse em oração, antes de comer. "Quando nos ajoelhávamos em oração familiar", diz o Élder Perry, "e ouvíamos nosso pai, um portador do sacerdócio, derramar sua alma ao Senhor, pedindo proteção para sua família contra os dardos inflamados do maligno, mais uma camada era acrescentada ao nosso escudo de fé".

O Élder Perry não se lembra de haver passado um dia de vida sem testemunho. "Crescendo no lar em que fui criado, era difícil não ter um testemunho, pois ele era entretecido em nossa vida por nossos pais."

Chamado para a Missão

Depois de formar-se no curso secundário, freqüentou um ano de universidade e depois foi chamado para a Missão dos Estados do Norte (Estados Unidos), em 1942. Embora tivesse lido o Livro de Mórmon no seminário, foi só por época da missão que desenvolveu seu grande amor a ele. "Comecei enfrentando o desafio das perguntas que as pessoas me faziam, e precisava defendê-lo. Depois senti que precisava conhecê-lo, e comecei a estudá-lo. Descobri que era uma outra testemunha de Cristo, diz ele, "o segundo defensor do Salvador e sua missão".

Apenas seis semanas após retornar da missão, foi convocado para o serviço militar. Serviu como voluntário na Marinha dos Estados Unidos, e, com o entusiasmo característico, decidiu ser o melhor marinheiro que jamais existira. "Detesto ser o segundo, e assim, quando realizávamos longas marchas, eu me arrastava para a frente, e lá permanecia."

Fez parte das primeiras tropas de ocupação que entraram no Japão, após a explosão da bomba atômica. Embora escolado como marinheiro duro, seu coração encheu-se de dor pelo povo japonês, quando testemunhou a devastação do país. E decidiu fazer tudo o que pudesse para ajudar. Em suas folgas, ele e alguns companheiros da marinha construíram uma pequena capela na ilha de Saipan. Mais tarde, em Nagasaki, reuniu novamente um grupo de soldados para reconstruir uma capela protestante. Quando sua unidade foi transferida, quase duzentos membros da congregação ao lado de seu ministro, alinharam-se na estrada-de-ferro para tocar as mãos dos soldados, quando o trem passasse, uma memorável expressão de amor e apreço mútuos.

Seu serviço no Pacífico tornou-se, em certo sentido, uma extensão de sua missão. "Fui um bom missionário no serviço militar, porque já tivera dois anos de experiência na missão", diz ele. "Durante os dois anos seguintes, fiz o dobro de batismos na Marinha do que no campo missionário. Tínhamos um belo grupo de soldados que se tornaram santos dos últimos dias. A força do evangelho tornou a vida na Marinha muito agradável."

Faculdade e Casamento

Após a dispensa do serviço militar, Tom Perry terminou a faculdade, formando-se em comércio pela Universidade Estadual de Utah, em 1949. Durante esse tempo, namorou Virgínia Lee. Casaram-se no Templo de Logan, em 18 de julho de 1947.

Depois da formatura, foi trabalhar numa companhia de Idaho. Enquanto procurava enfronhar-se em suas

novas funções no trabalho e estabelecer a família, foi chamado como segundo conselheiro no bispado. Sua primeira reação foi recusar, e julgava-se justificado fazendo isso. Mas o treinamento prévio provou ser mais forte do que qualquer desculpa que pudesse arquitetar, e concordou em servir.

Essa decisão provou ser muito importante para seu crescimento espiritual. Aumentou também sua educação secular, pois ensinou-lhe organização e administração que se aplicavam às suas designações no trabalho. Uma carreira bem sucedida em vendas a varejo levou a família Perry aos estados de Idaho, Washington, Califórnia, Nova York e Massachusetts. Toda vez que uma oportunidade de trabalho requeria uma mudança, ele aceitava de boa vontade os novos chamados da Igreja. Foi professor de uma classe matinal do seminário e serviu em dois bispados, um sumo conselho e duas presidências de estaca. Era presidente de estaca em Boston, Massachusetts, quando foi chamado como Autoridade Geral.

Tom Perry aprendeu cedo a reservar tempo para passar com a família. Quando se mudaram para o leste dos Estados Unidos, decidiram comprar uma casa próxima ao escritório, em lugar da "casa dos seus sonhos" que haviam encontrado anteriormente, porque o tempo que ele gastaria indo e voltando do trabalho seria excessivo. Mais tarde, recusou uma atraente oferta de emprego, porque a empresa não garantia que tivesse os sábados livres, o dia da semana que ele devotava à família.

A Família Cresce

Tom e Virgínia Perry tiveram três filhos: Bárbara, que se casou com Terry Haws; Lee, que se casou com Carolyn Bench, e Linda Gay, que desposou Michael G. Nelson. Como seu pai antes dele, o Élder Perry envolvia a família em suas atividades da Igreja sempre que possível. Eles datilografavam e reliam discursos, procuravam citações e histórias para ele usar, e até cronometravam seus discursos, a fim de que não falasse demais. Às vezes convidava-os para acompanhá-lo, quando ia falar em conferências de estaca.

Envolveu-os também nas atividades profissionais. Quando as crianças eram pequenas, ocupava-as no escritório, enquanto a mãe fazia compras. Quando eram mais velhos, ajudavam-no a fazer inventário e trabalhar nos registros financeiros. "Acho que todo pai deve envolver a família e jamais mantê-la afastada do que ele está fazendo", diz ele. "Assim, a família se considera mais próxima e percebe a necessidade de contribuir."

Quando era presidente de estaca, L. Tom Perry teve o privilégio de designar seu filho como missionário. "Meu pai não costuma demonstrar suas emoções", afirmou Lee. "Mas ele chorou durante a bênção. E depois escreveu uma carta e colocou-a em minha mala, sem que eu visse. Quando cheguei ao escritório da missão e abri a mala, lá estava a carta. Dizia que estava orgulhoso de ser meu pai. Como eu sempre o adorei, isso significou muito. Guardei a carta durante toda a missão, como fonte de força e conforto."

Tristeza e Adversidade

O Élder Perry é uma pessoa que compreende a tristeza e a adversidade. Em dezembro de 1974, Virgínia faleceu; depois, em março de 1983, morreu sua filha Bárbara. Ele também perdeu dois netos. Nesses períodos tristes, a fé no Senhor Jesus Cristo deu-lhe esperança; hoje ele encoraja as pessoas que sofrem a depositar confiança no Senhor: "O Senhor é muito bondoso. Embora algumas experiências sejam difíceis, ele inunda-lhe a mente com lembranças e lhe dá outras oportunidades. A vida não termina porque enfrentamos uma tragédia; sempre resta uma nova montanha a escalar. Não passe muito tempo lamentando o que perdeu. Passe à escalada da próxima montanha."

Em janeiro de 1976, ele foi apresentado a Bárbara Dayton por um parente dela; casaram-se em abril, no Templo do Lago Salgado. A Irmã Perry cresceu num rancho perto de Cokeville, Wyoming, e formou-se em enfermagem na Universidade de Utah.

Durante quinze anos trabalhara no Hospital SUD de Lago Salgado, servindo em várias funções, inclusive como enfermeira-chefe e diretora-assistente de enfermagem. Após fazer seu mestrado em educação de saúde, na Universidade de Brigham Young, Provo, ela lecionou na Faculdade de Enfermagem da BYU, durante quatro anos.

O Élder e a Irmã Perry "gostam de fazer praticamente tudo juntos", diz ela. Sempre que possível, o Élder Perry vai de carro para as conferências de estaca para as quais é designado, ao invés de ir de avião, para poder levar Bárbara.

Profundo Amor ao Senhor

Ele incentiva os casais a "fazerem pequeninas coisas

um pelo outro — surpresas — e a demonstrarem cortesia e bondade''. E, segundo a Irmã Perry, ''ele pratica o que prega. Ele me faz muitas gentilezas. É sempre um cavalheiro. Perguntei-lhe certa vez: ''Não é uma amolação sempre dar a volta para abrir a porta do carro para mim?'' Mas ele jamais considerou esse gesto como tal. Tem uma consideração e uma solicitude que eu sempre apreciei. E ele também ajuda em casa.''

''Ela é devotada ao Senhor'', diz o Élder Perry. ''Tendo a oportunidade de ajoelhar-se todas as noites e todas as manhãs com minha esposa, em oração, sou imensamente grato pela bênção e privilégio de ter sua companhia.''

Seu profundo amor ao Senhor, seu entusiasmo e boa vontade em trabalhar arduamente, têm-no ajudado como Autoridade Geral. Em 6 de outubro de 1972, foi apoiado como assistente dos Doze. Depois, em 11 de abril de 1974, tornou-se membro do Quorum dos Doze. É conhecido em toda a Igreja por sua fé e atitude de encorajamento. E também foi abençoado com um sorriso cativante e uma voz rica e clara, que tem o som da verdade, especialmente quando se eleva para prestar testemunho da grande obra dos últimos dias.

A um mundo repleto de pessimismo, prega uma doutrina esperançosa e encorajadora: ''Enfrentaremos mais tribulações. Mas, ainda na adversidade, existe uma grande oportunidade de crescimento e realização. Não encaro as dificuldades com menos entusiasmo do que enfrento a descida de uma ladeira sobre patins. É maravilhoso levantar todos os dias, porque há sempre um novo desafio e uma nova oportunidade.''

Poderosa Testemunha do Salvador

Como apóstolo do Senhor Jesus Cristo, ele presta um poderoso testemunho do Salvador: ''Maravilho-me de que o Pai nos amasse o suficiente para sacrificar seu Filho, e de que tenhamos o conforto de saber que a vida continua para sempre — que a morte não é o fim. Se nos apegarmos ao plano do evangelho, há grandes bênçãos reservadas para nós. O sistema do Senhor funciona de modo que possa abençoar nossa vida aqui, assim como nas eternidades vindouras. É a única segurança confortadora que podemos encontrar na terra. E quando a conseguimos, ela é a maior bênção que poderíamos jamais receber.''

Quando o jovem Tom Perry foi chamado para o bispado em Lewiston, Idaho, foi ordenado sumo sacerdote pelo Élder Harold B. Lee, do Quorum dos Doze. Durante a bênção, o Élder Lee afirmou, com visão profética, que aquele jovem um dia tomaria parte nos conselhos supremos da Igreja. Não sabendo o que aquilo significava, o sumo sacerdote recém-ordenado guardou para si mesmo a experiência.

Anos mais tarde, o Élder L. Tom Perry foi chamado para o Quorum dos Doze, a fim de preencher a vaga criada com a morte do Presidente Lee. Desde cedo, a mão divina manifestou-se na vida do Élder Perry, moldando-o e preparando-o para a obra que realizaria como servo do Senhor. □

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Como reagir a perguntas inamistosas sobre a Igreja?

Steve F. Gilliland, bispo e diretor de instituto da Igreja, Long Beach, Califórnia.

É uma grande responsabilidade representar a Igreja perante outras pessoas. Quais serão as conseqüências, se dissermos uma coisa errada? E se ofendermos as pessoas? E sempre existe a possibilidade de que elas possam embaraçar ou ofendê-lo.

Como diretor de instituto e bispo, fui convidado várias vezes para responder a perguntas sobre a Igreja em classe da universidade e outras igrejas. Minha apresentação salienta os aspectos positivos da Igreja. É fácil falar sobre os frutos do Evangelho de Jesus Cristo e tudo o que procuramos fazer, a fim de praticar seus ensinamentos neste mundo cheio de desafios.

O Espírito Santo tem o poder de alcançar além de nossos esforços — algumas vezes desajeitados — para ajudar aqueles que, sinceramente, procuram a verdade.

Mas sempre me preocupo com as perguntas que podem surgir: qual será a razão por trás da pergunta? E se alguém for hostil? Felizmente, as escrituras nos dão orientação capaz de nos ajudar em tais situações. Estudando-as (particularmente Alma 30), descobri alguns princípios valiosos que me têm guiado de tempos em tempos, quando enfrento inquisidores amigáveis ou hostis.

1. Ouça e esclareça. É difícil escutar claramente o que está sendo dito, quando estamos sendo atacados. Já me envolvi em discussões desnecessárias, porque me tornei exageradamente sensível e compreendi mal o que a pessoa estava dizendo. Às vezes concordávamos inteiramente sobre o assunto, mas eu achava que a pessoa estava afirmando uma coisa que não estava.

Certifique-se de que entendeu o que a pessoa está dizendo. Faça perguntas esclarecedoras, ou repita as perguntas como as entendeu, dizendo: "É isto que você está perguntando?" Torne claro que compreendeu a posição do outro, e dê-lhe oportunidade de esclarecer o que for necessário.

Se a pessoa lhe "bater numa face", poderá esperar a mesma coisa em retorno, e talvez fique desarmada, se você lhe oferecer a outra e ouvi-la. Ouvindo primeiro, haverá maior possibilidade de seu interlocutor ouvir o que você tem a lhe dizer. (Ver Mateus 7:12.)

2. Procure desfazer mal-entendidos. Pode ser tentador acusar ou atacar alguém que se oponha a você, ou procurar

embaraçar ou ridicularizá-lo, especialmente se você percebe que ele está, propositadamente, distorcendo os fatos. Mas seu desafio é amá-lo e evitar que ele se considere atacado.

Explique-lhe os fatos claramente, como Alma fez com Corior (ver Alma 30:32-33), falando o mais calma e firmemente possível. Se ele tentar criticar, usando citações de livros que não são aceitos como doutrina oficial da Igreja, informe-lhe que os santos dos últimos dias sempre tiveram liberdade para especular, mas que a especulação individual não constitui a posição oficial da Igreja. Neste ponto, eu diria: "Se está interessado no que a Igreja ensina, terei prazer em explicar-lhe. Não me julgo responsável por especulações de outras épocas. Além disso, sem a presença do indivíduo para explicar-se, nenhum de nós dois pode compreender o que ele realmente quis dizer. Deseja saber o que a Igreja ensina?"

Na maioria das vezes, a pessoa está repetindo inocentemente informações erradas. Uma resposta gentil para esclarecer os fatos pode evitar que a pessoa se considere atacada. "A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira." (Provérbios 15:1.) A Primeira Presidência aconselhou-nos a "enfrentar as críticas e ataques à Igreja, sem ressentimento e sem malevolência". (Carta datada de 1º de dezembro de 1983.)

3. Focalize os princípios básicos do evangelho. Atirar uma pessoa em águas profundas não ajuda a ensiná-la a nadar. Ela poderá até ficar com tanto medo, que nunca mais deseje aproximar-se da água. Semelhantemente, sem uma base apropriada sobre as verdades fundamentais do evangelho, a pessoa geralmente não está preparada para doutrinas mais profundas. É por esse motivo que o Senhor nos aconselha a dar leite às pessoas, antes da carne. (Ver D&C 19:22; I Coríntios 3:2.)

Em seus esforços para desviar pessoas da Igreja, alguns indivíduos contrários a ela se concentram em meias-verdades doutrinárias, distorcendo algumas de nossas mais ricas e preciosas doutrinas, que as pessoas não estão preparadas para compreender. É importante que façamos o debate voltar às coisas fundamentais, às simples, mas belas verdades do evangelho.

Alma demonstrou muito bem este princípio. Com perfeito controle de si mesmo e da situação, ele levou o debate com Corior para a crença fundamental em Deus. "Acreditas que existe um Deus?" perguntou. (Alma 30:37.)

Outro ensinamento básico do evangelho é nossa crença na revelação moderna e em profetas vivos. Praticamente quase toda pergunta pode ser levada a este ponto: "A questão, realmente, não é _____, mas sim, se existe ou não revelação moderna na Igreja, hoje. As escrituras ensinam claramente o princípio de profetas vivos. (Ver Amós 3:7; Efésios 2:20.) Presto testemunho de que o Senhor dirige a Igreja hoje por meio de profetas vivos, e que você também pode vir a saber disso. Gostaria de que eu lhe dissesse como poderá sabê-lo?" Outra abordagem poderia ser: "Não há tempo suficiente para lhe dar uma resposta a essa pergunta. Entretanto, existe uma questão mais fundamental: _____."

4. Preste testemunho. Nada é mais básico no evangelho do que nosso testemunho pessoal. Alma prestou um testemunho simples e direto a Corior: "Sei que existe um Deus e que o Cristo virá." (Alma 30:39.) Se a pessoa for receptiva à verdade, o Espírito Santo poderá testificar-lhe da verdade. O testemunho do Espírito será a mais poderosa influência em sua conversão. Contudo, se a pessoa não for receptiva ao Espírito, toda a argumentação do mundo não conseguirá tocá-la.

Contudo, se a pessoa não for receptiva ao Espírito, toda a argumentação do mundo não conseguirá tocá-la.

Muitas pessoas não estão preparadas para a conversão, mas têm curiosidade de saber o que a Igreja realmente ensina. Elas merecem ouvir as verdades fundamentais do evangelho, assim como um esclarecimento a respeito de suas idéias errôneas. Mas, nesse processo, elas poderão desafiá-lo a apresentar alguma prova física ou lógica do evangelho. Embora o evangelho possa ser explicado logicamente, não é nossa responsabilidade tentar prová-lo ou convencer a outra pessoa. A única prova real é o testemunho do Espírito.

5. Explique-lhe que não está interessado em debater ou discutir, mas em compartilhar seu ponto de vista e ouvir o dele. Alma não se deixou apanhar na armadilha de tentar provar o evangelho. Na verdade, ele fez exatamente o contrário com Corior. "E que provas tens de que Deus não existe...? Afirmo-te que não tens nenhuma, a não ser a tua própria palavra." (Alma 30:40.)

Se a pessoa desejar discutir, uma boa pergunta seria: "Você quer apenas discutir, ou deseja compreender em que é que eu acredito?"

6. Desafie a pessoa à ação. Quando Corior persistiu na exigência de provas, Alma colocou o fardo das provas no seu devido lugar, de volta sobre os ombros de Corior. Se ele *realmente* desejava saber, ele tinha "o testemunho de todos estes irmãos, assim como o dos santos profetas. As escrituras estão diante de ti." (Alma 30:44.) Nossa promessa ao mundo é aquela de Jesus: "Se alguém quiser fazer a vontade dele (de Deus), pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus...

Se vós permanecerdes na minha palavra... conhecereis a verdade." (João 7:17; 8:31-32.) Se a pessoa *viver* o evangelho — obedecer aos mandamentos, estudar as escrituras, orar — terá experiências espirituais que confirmarão a veracidade da nossa mensagem; ela não terá de pedir provas.

E se você não puder responder a uma pergunta que lhe for formulada? Novamente, Alma demonstrou como proceder: "Estes mistérios ainda não me foram completamente esclarecidos; portanto, não falo mais." (Alma 37:11.) Diga: "Não sei." As pessoas o respeitarão por sua honestidade. Quando sinto que existe uma resposta, geralmente digo que procurarei descobri-la.

E se você os confundir ou ofender? Lembre-se de que o Espírito Santo tem o poder de alcançar além de nossos esforços — algumas vezes desajeitados — para ajudar aqueles que, sinceramente, procuram a verdade.

Temos a promessa de que, se estudarmos as escrituras fervorosamente, a inspiração necessária "na hora precisa... será dada". (D&C 84:85.)

Confortam-me as palavras da Primeira Presidência a respeito deste assunto:

"Lembramo-vos de que, uma das bênçãos dos membros da Igreja, é o dom do Espírito Santo, que é conferido a cada indivíduo por época de sua confirmação. Este dom estará com os membros, assim como com os líderes, que fielmente viverem os princípios do Evangelho de Jesus Cristo.

Temos confiança em que, se responderdes com oração, e em espírito de humildade, recebereis a inspiração." (Carta datada de 1º de dezembro de 1983.) □

Ilustração de David Lim

MASAO WATABE: SERVINDO EM MISSÃO PERPÉTUA

Joseph Jung

Em cima, à direita: Irmão Watabe serve, com sua esposa Hisako, no Templo de Taipei. Em baixo, à direita: Irmão e Irmã Watabe com seus filhos.

Subindo a longa escadaria que leva ao patamar mais elevado da Basílica de São Pedro, em Roma, Itália, os turistas fizeram uma pausa no meio do caminho, para descansar; todos, exceto um esbelto japonês. Embora parecesse mais velho do que alguns outros, ele subiu até o topo com energia e vigor, sem parar. Muita gente do grupo perguntou-lhe onde arranjava tanta energia. "É porque sou mórmon", replicou o Irmão Masao Watabe, sorrindo.

Um americano curioso perguntou-lhe em que uma catedral católica pode ser comparada a um templo mórmon. Calmamente, como se estivesse esperando por aquela pergunta, o Irmão Watabe retirou alguns cartões do bolso e distribuiu-os às pessoas do grupo. Na frente havia uma fotografia do Templo do Havaí, onde o Irmão Watabe servia como missionário. No verso, explicou Irmão Watabe, estavam as Regras de Fé.

Na verdade, o Irmão Watabe provavelmente *estava* procurando uma oportunidade de compartilhar sua fé. Agora segundo conselheiro na presidência do Templo Taipei Taiwan, o Irmão Watabe tem falado a respeito do evangelho às pessoas em trens e ônibus, a oficiais militares e empregadores.

Talvez ele tenha tal zelo missionário, porque o evangelho lhe modificou profundamente a vida. Masao Watabe nasceu de pais japoneses, na Província de An-Tung, na China, e pertencia a uma das seitas do xintoísmo. Era um rapaz inteligente, com interesse por línguas. Depois de se formar na faculdade, casou-se e foi enviado pelo Ministério das Relações Exteriores do Japão para estudar a língua mandarim, em Pequim. Trabalhou na embaixada japonesa em Pequim, e no Ministério das Relações Exteriores do Japão, em Tóquio.

Período de Desespero

Jovem idealista, Masao Watabe tinha há muito tempo o sonho de unificar as nações do mundo. E então irrompeu a II Guerra Mundial, trazendo morte, devastação e derrota. Um ano antes do final da guerra, o jovem Masao foi convocado pelo exército japonês. A experiência da guerra mergulhou-o num período de desespero. "A vida era como vagar na escuridão sem esperança ou propósito", lembra-se ele.

Depois da guerra, Masao foi transferido para a cidade de Sendai, no Japão. Lá conheceu um padre católico que o iniciou no cristianismo. "Quando falava com ele sobre a religião de Jesus Cristo", recorda o Irmão Watabe, "sentia uma coisa boa no coração. Fiz muitas perguntas sobre cristianismo. Ouvindo suas respostas, meu coração, que estivera lutando nas trevas, pouco a pouco se foi iluminando, e me parecia que a voz do Senhor começava a sussurrar-lhe."

Depois de pouco tempo, Masao desiludiu-se com o catolicismo. Procurou um curso bíblico numa universidade local, que freqüentou por um ano. Sua professora, a esposa de um ministro metodista, levou-o à igreja. Ela e o marido incentivaram-no a batizar-se na igreja metodista. Como restavam perguntas ainda não respondidas sobre a fé, hesitou.

Enquanto ainda estava considerando tornar-se metodista, um de seus alunos contou-lhe que dois missionários americanos estavam hospedados em sua casa. Masao ficou ansioso por encontrá-los, e no dia seguinte, o aluno levou-os à escola. "Quando apertei suas mãos, senti uma coisa boa", diz o Irmão Watabe. Indo com eles à Escola Dominical, ficou impressionado com a simplicidade dos serviços e a sinceridade das pessoas.

Esperança Renovada

Um folheto missionário, *Joseph Smith Conta Sua Própria História*, fascinou-o tanto, que o leu a noite toda. Mas foi o Livro de Mórmon que lhe renovou a esperança perdida durante a guerra. Quando leu pela primeira vez a profecia de 1 Néfi, capítulo 10, a respeito da dispersão e coligação de Israel, seu coração encheu-se de alegria. Toda sua vida ele ansiara por ajudar a unir o mundo. Ficou também entusiasmado ao descobrir que seus antepassados mortos podiam receber o batismo e outras ordenanças salvadoras.

Desde aquele dia frio, em novembro de 1949, quando foi batizado no Rio Hirose, o Irmão Watabe tem-se dedicado a compartilhar a alegria encontrada no evangelho. Batizou sua esposa, a Irmã Hisako Watabe, em julho do ano seguinte. Seu filho mais velho, Masahisa, de nove anos de idade, foi batizado no mesmo dia. E batizou seus dois filhos mais novos, Masaji e Masakazu, e duas filhas, Seiko e Yasuko, aos oito anos.

Uma Missão Diária

Quando o Irmão Watabe soube que todo membro da Igreja devia ser um missionário, comprometeu-se a sair procurando pessoas todos os dias. Começou fazendo-o no trem, a caminho do trabalho, entregando folhetos às pessoas interessadas. Quando cumpriu missão no Brasil, seu terceiro filho, Masakazu, teve a experiência incomum de batizar um homem que ouvira o evangelho pela primeira vez de Masao Watabe, num trem no Japão, quinze anos antes.

Como primeiro japonês nativo que se tornou membro da Igreja, na Cidade de Sendai, o Irmão Watabe tem sido um servo fiel. Tornou-se o primeiro presidente do Ramo Sendai. Quando a primeira estaca da Ásia foi estabelecida no Japão, serviu como patriarca. Como sente que os melhores conselhos são as palavras de Deus, preparou-se para dar as bênçãos estudando as escrituras. Uma de suas passagens favoritas se encontra em Mateus: "E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim. Quem achar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á." (Mateus 10:38-39.)

Logo depois de ser batizado na Igreja, o compromisso do Irmão Watabe com sua fé custou-lhe o emprego no Ministério das Relações Exteriores do Japão, em Sendai. Como recém-converso, o Irmão Watabe parou de freqüentar as festas do escritório, onde era costume beber-se vinho e servir-se vinho aos demais. Seu superior advertiu-o várias vezes de que precisava comparecer às festas e parar de participar de reuniões missionárias de rua. Mas o Irmão Watabe permaneceu firme. Finalmente, seu superior chamou-o e disse: "Você prefere ir à sua Igreja a trabalhar aqui; não precisamos mais de você." Logo o Irmão Watabe recebeu uma proposta de emprego num acampamento do exército americano. Depois de trabalhar lá durante cinco anos, o Irmão Watabe foi chamado à casa da missão em Tóquio, para trabalhar como tradutor da Igreja.

O compromisso da família Watabe com sua fé trouxe-lhes uma vida cheia de felicidade, incluindo a alegria de uma família fiel. Em 1968, toda a família Watabe foi selada no Templo de Lago Salgado. Os filhos estão todos casados, e o Irmão e Irmã Watabe têm vinte netos. Todos os filhos cumpriram missão para a Igreja.

Em 1979, o Irmão e a Irmã Watabe foram chamados para trabalhar numa coisa que amam, servindo como missionários no Templo do Havaí. Mais tarde, o Irmão Watabe recebeu autoridade para agir como selador. O casal Watabe aprecia a obra que realiza no Templo de Taipei Taiwan, onde o Irmão Watabe serve como segundo conselheiro.

O Irmão Watabe já está planejando uma outra forma de compartilhar o evangelho, depois que for desobrigado da presidência do templo. Ele espera retornar ao Japão e escrever livros que expressem seu testemunho a seus compatriotas. Para o Irmão Masao Watabe, a vida é uma missão diária. □

A VOZ DO PAI

Robert W. Paris

Em meio aos ruídos ensurdecedores da vida, em que voz podemos confiar?

Minha filha Jacque e eu participamos certa vez de um programa para pais e filhas da Primária. Todas as meninas haviam preparado caixas de lanche para o jantar, e como sobremesa cada par de pai e filha deveria decorar um bolo. Como sou dentista, Jacque e eu enfeitamos o nosso com um enorme dente de glacê. Depois do jantar, naturalmente, houve brincadeiras e competições.

Um dos jogos da noite foi uma prova de revezamento. As líderes da Primária haviam disposto quatro balizas de boliche de plástico no chão do salão cultural. Cada pai deveria vendar a filha e, a seguir, dirigi-la por entre e ao redor das balizas e de volta ao ponto de partida, dando lugar ao par seguinte. Ele não podia tocá-la, dirigindo-a somente com a voz. O grupo foi dividido em duas equipes.

Parecia uma coisa tão simples, mas era justamente o contrário. A maioria dos pais gritava: "Para a direita!", "Para a esquerda!" ou "Pare!" ou "Em frente!" Mas com as duas equipes torcendo ruidosamente, era fácil as meninas confundirem a voz do pai da concorrente com a do seu. Muitas vezes as meninas não entendiam as instruções, ou então, um dos pais hesitava ao dar as instruções, perdendo um tempo precioso. Além disso, algumas filhas não seguiam as instruções ao pé da letra, andando depressa demais ou seguindo a direção errada, chegando ocasionalmente a derrubar uma baliza.

Mas havia uma dupla de pai e filha que surpreendeu a todos. Esse pai sofria de grave mal que prejudicava sua coordenação motora, obrigando-o a falar e mover-se com lentidão. Quando chegou a vez deles e a menina estava vendada, ouvi o pai dizer-lhe: "Não se preocupe com direita ou esquerda, devagar ou depressa. Simplesmente vá andando e preste atenção à minha voz. Vou falar o tempo todo e basta você seguir a minha voz."

Ao sinal de partida, eles foram em frente, com o pai repetindo de mansinho: "Siga apenas minha voz", ou "Não ligue para os outros, só a mim". Assombrou-me vê-los andando com passos curtos, seguindo facilmente o trajeto demarcado muito mais depressa que qualquer das outras duplas; na verdade, tão depressa que a equipe deles venceu.

Que lição interessante para todos os pais e filhas. Freqüentemente há tantas vozes nos chamando e confundindo, que perdemos o rumo certo. Os pais acham, às vezes, que basta gritar dizendo aos filhos que sigam este ou aquele caminho, andem mais depressa ou devagar, façam ou não façam certas coisas. E muitas vezes os filhos encontram dificuldade em seguir tais instruções.

Que grande bênção seria se toda moça e todo rapaz tivesse nesta vida um pai digno, capaz de dizer-lhe com palavras e pelo exemplo: "Não se preocupe com desviar-se do caminho certo. Basta seguir minha voz e meu exemplo, que eu o levarei para casa." E que grande bênção seria, se toda filha e todo filho que tem um pai assim, confiasse nele que magnifica seu sacerdócio e estivesse disposto a seguir sua orientação e exemplo.

Naturalmente, nós todos temos um Pai Celestial, cuja voz podemos aprender a discernir em meio aos ruídos ensurdecedores da vida. Se atentarmos para essa voz "mansa e delicada", não precisamos deixar-nos confundir pelas muitas vozes do mundo ou pressionar pela competição com outras. Com passos firmes e seguros, progrediremos pelo caminho certo, vencendo os obstáculos que nem sempre conseguimos enxergar. Todos nós podemos confiar na visão clara de nosso Pai para nos conduzir de volta a ele. □

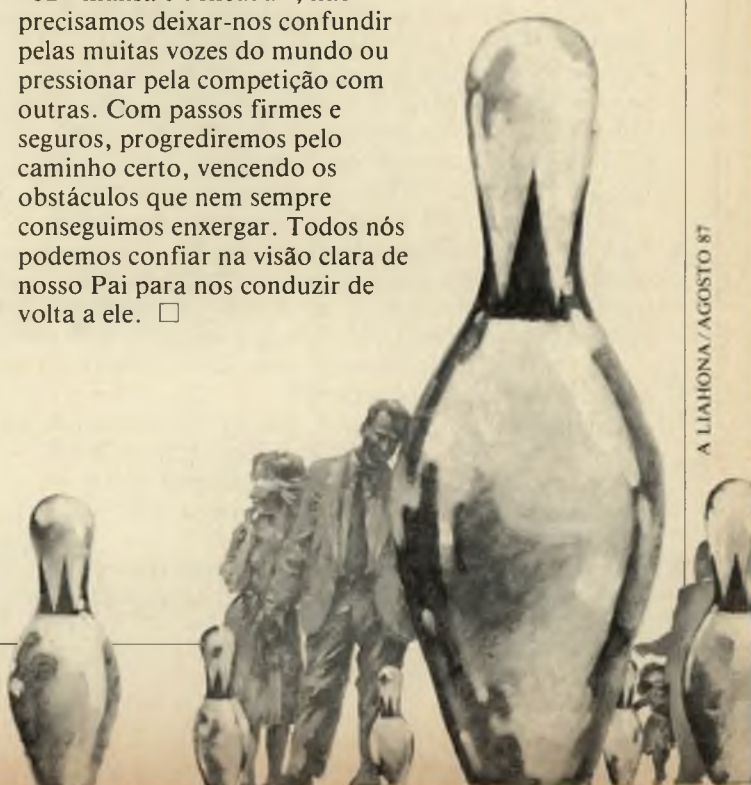


Ilustração de Richard Hull

O QUE NÉFI

VENCER O

Elizabeth K. Ryser

Na bela passagem de escritura, conhecida como o salmo de Néfi (2 Néfi 4:15-35), o profeta revela-nos os pensamentos de seu grandioso coração. Todos nós podemos entender a luta de Néfi para ser um santo num mundo em que Satanás reina e tenta. O dilema de Néfi é enfrentado por todos nós.

"Eis que minha alma se deleita nas coisas do Senhor; e meu coração medita continuamente nas coisas que vi e ouvi.

Não obstante, apesar da grande bondade do Senhor, monstrando-me suas grandes e maravilhosas obras, meu coração exclama: Oh! que homem miserável sou! Sim, meu coração se entristece por causa de minha carne; minha alma está angustiada por causa de minhas iniqüidades." (Vers. 16-17.)

Em nossa linguagem moderna, poderíamos dizer assim: "Eu tenho conhecimento; entretanto, peco. Sou tão abençoado, mas ainda assim, não sou inteiramente feliz."

Néfi descreve sua miséria com grandes detalhes. Diz que seu coração chora, sua alma padece no vale da tristeza, sua carne definha e ele sente raiva de seus inimigos. (Vers. 26-27.)

Como é possível que Néfi, que falara com anjos e fora testemunha da realidade da vinda do Cristo, pudesse ter tais sentimentos? Talvez fosse justamente a profundidade de seu testemunho que tornava suas falhas tão difíceis de suportar. Sabemos que seu pai, Léhi, morrera recentemente. O desânimo freqüentemente nos aflige após uma grande perda.

Néfi compreendia que não era fácil ser um santo. Todos nós precisamos procurar vencer o homem natural, lutar para atingir aquele ponto em que não teremos mais disposição ou inclinação para fazer o mal. Em cada momento da vida, escolhemos o bem ou o mal. A despeito de nossos desejos justos, somos tentados diariamente e pecamos.

Para aumentar nosso fardo, muitas vezes sofremos pelos outros. Néfi escreve: "Rogo por ele (meu povo) continuamente durante o dia, e meus olhos molham meu travesseiro durante a noite por causa dele." (2 Néfi 33:3.)

Depois de expressar seu desespero, Néfi começa a buscar alternativas para sua situação. Faz uma série de perguntas: "Por que cederei ao pecado, por causa de minha carne? Sim, por que daria lugar às tentações, para que o maligno tivesse entrada em meu coração, para destruir minha paz e afligir minha alma? Por que estou irado por causa de meu inimigo?" (2 Néfi 4:27.)

Quando estamos desacorçoados, nós também poderíamos fazer as mesmas perguntas, respondendo-as para nós mesmos. Assim como Néfi, muitas vezes precisamos *decidir* abandonar a tristeza: "Desperta, ó minha alma! Não peques mais. Regozija-te, meu coração, e não dês mais lugar ao inimigo de minha alma." (Vers. 28.) Néfi transformou seus pensamentos da tristeza para a alegria.

O que podemos aprender com Néfi, que nos pode ajudar, quando estivermos desanimados, e até desesperados?

1. Néfi escreveu seus pensamentos, sentimentos e desejos. Néfi escrevia fielmente seu diário. Ele mantinha dois registros, embora não entendesse plenamente o propósito do segundo. Diz ele que não era "poderoso no escrever". (2 Néfi 33:1.) Mas bastava-lhe saber que era um mandamento do Senhor, que tinha um sábio propósito para seu registro. Ao terminar seu registro, Néfi afirma: "Eu, Néfi, escrevi o que escrevi, e o reputo de grande valor, especialmente para o meu povo." (2 Néfi 33:3.)

Escrever pode transformar-se num processo de cura. Em minha experiência como assistente social, muitas vezes solicito a pessoas deprimidas, temerosas ou ansiosas, que coloquem seus sentimentos por escrito. Dizem elas que isso é extremamente proveitoso.

2. Néfi meditava. (Ver 2 Néfi 4:16.) Meditar é mais do que pensar. É o processo de estudar as coisas na mente, de refletir. Meditar nas coisas do Senhor, como fazia Néfi, abre-nos para o Espírito.

3. Néfi estudava as escrituras. Ele se deleitava nas escrituras, e testificava de sua veracidade. (Ver vers. 15.) Apreciava particularmente os escritos de Isaías, e incluíu suas palavras "para que aqueles de meu povo que as virem possam levantar seus corações e regozijar-se por todos os homens". (2 Néfi 11:8.) A compreensão que Néfi tinha das escrituras ajudou-o a conservar a fé. As escrituras o ajudaram a saber em quem confiar, apesar de seu coração gemer por causa

N S I N A P A R A

DESÂNIMO

Ilustração de Andre Petringill

Assim como Néfi, muitas vezes precisamos *decidir* abandonar a tristeza.

de seus pecados. (Ver 1 Néfi 4:19.)

4. Néfi lembrava-se da bondade, apoio, amor e proteção do Senhor. (Ver vers. 20-25.) Ele se recordava das vezes em que Deus lhe preservara a vida, o enchera de amor, confundira seus inimigos, respondera às suas orações e lhe enviara conhecimento. Ele contava as bênçãos e era grato. Relembrar nossas bênçãos e experiências espirituais pode ser um antídoto poderoso para o desânimo.

5. Néfi dava coragem a si mesmo. Ele se recusava a ter pensamentos negativos, substituindo-os pelos positivos: "Desperta, ó minha alma! Não peques mais. Regozija-te, meu coração." (Vers. 28.)

6. Néfi orava. Ele orava com toda força, com arrojo e grande sinceridade. Suas orações não eram de teor geral. Ele pedia especificamente os dons de que necessitava. Pedia que sua alma fosse redimida, que o Senhor o livrasse das mãos de seus inimigos, que tremesse à aparência do pecado, que as portas do inferno se fechassem diante dele, que as portas da retidão lhe fossem abertas, que o Senhor o envolvesse no manto de sua retidão, que escapasse de seus inimigos. (Ver vers. 31-33.) Todas estas são solicitações que poderíamos ponderar e apresentar ao Senhor.

7. Néfi louvava e se rejubilava no Senhor. "Ó Senhor, eu te louvarei para sempre; sim, minha alma se regozijará em ti, meu Deus e rocha de minha salvação." (Vers. 30.) Ele era cheio de gratidão e fé: "Em ti confiarei sempre."

8. Néfi clamava ao Senhor, pedindo ajuda. Ele sabia que só poderia ser redimido pelo sangue expiatório do Salvador. Este é o passo mais importante que qualquer um de nós pode dar. Nós, também, precisamos buscar a misericórdia do Senhor para remissão dos pecados. O verdadeiro arrependimento pode encher-nos de alegria e paz de consciência.

Néfi passou do desânimo ao grande júbilo, mostrando que os desejos de seu coração estavam centralizados em Cristo. Mais para o fim da vida, escreveu: "Deveis, pois, prosseguir para a frente com firmeza em Cristo, tendo uma esperança resplandecente e amor a Deus e a todos os homens. Portanto, se assim prosseguirdes, banqueteando-vos com a palavra de Cristo e perseverando até o fim, eis que, diz o Pai: Tereis vida eterna." (2 Néfi 31:20.) Centralizando nosso coração em Cristo, nós, também, encontraremos a chave para vencer o desânimo. □

Elizabeth K. Ryser, assistente social e terapeuta matrimonial e familiar, está atualmente cumprindo missão de tempo integral na Missão África do Sul Johannesburg.

Se a abertura do templo sugeriu um novo nível de maturidade da Igreja na Austrália, a atividade genealógica e a obra do templo, durante o ano seguinte o provaram.

A AUSTRÁLIA HOJE

E Agora a Colheita

Michael Otterson

Michael Otterson

Se houve um dia em que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias se tornou maior de idade na Austrália, foi a 20 de setembro de 1984.

O tempo, no início da primavera, era perfeito para a dedicação do primeiro templo da Austrália, na progressista cidade de Sydney. Era o momento de fazer um inventário, de avaliar o grande salto, desde o momento em que o evangelho começou a ser pregado em solo australiano, há cento e quarenta e quatro anos.

De um início muito modesto, em 1840, a Igreja na Austrália tornara-se uma organização largamente respeitada, com mais de sessenta e cinco mil membros distribuídos por dezesseis estacas e cinco missões. Além disso, Sydney era agora a sede da presidência de área do Pacífico e de todas as funções de área da Igreja para o Pacífico, servindo a um quarto de um milhão de membros.

Se a abertura do templo sugeriu um novo nível de maturidade da Igreja na Austrália, a atividade genealógica e a obra do templo, durante o ano seguinte o provaram. Em 1985, os membros australianos realizaram 41.341 endowments vicários em seu próprio templo, e submeteram 53.889 nomes, tornando-se um dos poucos templos da Igreja totalmente auto-suficientes em nomes para processamento. Quase todos os australianos ainda precisam viajar distâncias enormes para freqüentar o templo. Os membros de Perth, na costa oeste, ou de Darwin, no extremo norte, enfrentam uma viagem de aproximadamente quatro mil e oitocentos quilômetros. Ainda assim, cada australiano portador de recomendação para o templo, realizou em média sete endowments no ano passado. Em Sydney, como era de se esperar, a média foi muito mais alta; pouco mais de um endowment por mês.

Duas sessões, todos os sábados, são reservadas para membros de fora do estado. Chegam regularmente ônibus de Melbourne, mais de oitocentos quilômetros a sudoeste, e de Brisbane, ainda mais longe para o nordeste.

"Os ônibus viajam toda a noite e chegam aqui bem cedo, no sábado, permitindo aos visitantes pouquíssimo tempo para se prepararem para as ordenanças do templo", diz o presidente do Templo de Sydney, Milton J. Hess. "Eles assistem a duas sessões e tomam o ônibus no início da tarde, para a longa viagem de volta."

Em três ocasiões, grupos de jovens de Adelaide, a mil e seiscentos quilômetros de distância, vieram fazer batismos, tendo conseguido o dinheiro entregando listas telefônicas em casas e escritórios, para a companhia telefônica local.

"Palavras não conseguem expressar o significado do templo na vida de tantos santos da Austrália", diz o Presidente Hess. "No ano passado, além das ordenanças pelos mortos, mil australianos fizeram seu próprio endowment. Isto é realmente entusiasmante. Além disso, as pessoas estão fazendo a obra vicária por seus pais, mães, avós. São relacionamentos muito próximos, e esse tipo de atividade dá origem a grandes experiências espirituais.

Ian Mackie, ex-representante regional de Sydney, e encarregado do Comitê do Templo para a dedicação, é agora gerente de área na parte de genealogia. Ele calcula que vinte e cinco mil nomes estão na reserva para a obra vicária, e que esse número aumentará

Embaixo: O Templo da Austrália em Carlingford, um subúrbio a noroeste de Sydney foi dedicado em 20 de setembro de 1984. Ônibus trazem os membros de outros estados ao templo.

substancialmente durante, pelo menos, mais dois anos. A responsabilidade por esse sucesso se deve, em grande parte, à rede de trinta e seis bibliotecas genealógicas instaladas ao alcance da maioria dos membros. Cerca de vinte e cinco mil rolos de microfilmes genealógicos estão em circulação.

Outra razão pode ser a sensibilidade da maioria dos australianos por sua própria herança imigrante e pioneira, numa nação que celebrará seu bicentenário em 1988. "Os australianos têm um senso muito desenvolvido de suas próprias origens", diz o Irmão Mackie.

A obra genealógica e vicária é apenas uma medida da maturidade da Igreja na Austrália, hoje. O desenvolvimento do Sistema Educacional da Igreja, nos últimos doze anos, é outra medida útil.

Novamente, muitos dos desafios enfrentados para estabelecer os programas de seminário e instituto prendem-se às vastas distâncias nessa ilha-continente. Lionel Walters, coordenador regional do Sistema Educacional da Igreja em Adelaide, precisa viajar cerca de quatro horas de avião para visitar o extremo norte do território, em Darwin. Levaria quase uma semana para ir de carro em cada direção, atravessando territórios dos mais difíceis do mundo.

O supervisor do Irmão Walters, diretor de área do SEI, Chris Gollan, acredita que o desafio das distâncias está sendo vencido tanto por professores quanto por alunos.

Ele recorda que, durante oito anos, enquanto coordenava o programa do SEI em Adelaide, alguns anos atrás, a mais alta porcentagem de matrículas era a do Ramo Stirling, assim como o mais alto índice de formaturas de todas as unidades da região de Adelaide. "O professor viajava de Adelaide, todos os dias, que fica a cinqüenta e cinco quilômetros de distância. Tanto o professor quanto o presidente do ramo estavam totalmente comprometidos com o seminário. Se um aluno não aparecia para uma aula, o professor ia até sua casa.

Este é um exemplo perfeito da atitude correta que afeta os alunos. O professor entrava na classe qualquer dia da semana, e jamais enfrentava qualquer problema de disciplina. Apesar do desafio da distância, faziam com que o curso funcionasse."

E continua a funcionar em toda a Austrália. Durante o estágio de desenvolvimento das aulas do seminário, setenta por cento dos alunos faziam cursos de estudo no lar. Agora, oitenta por cento dos mil e seiscentos alunos do seminário, na Austrália, freqüentam aulas diárias matinais. De setenta a oitenta por cento dos jovens SUD ativos, estão atualmente matriculados no seminário.

As atividades do seminário certamente desempenharam papel importante na preparação do número crescente de missionários australianos. Muitos servem em sua própria terra, mas também é comum

missionários australianos servirem na Nova Zelândia, Filipinas, Inglaterra e Estados Unidos. Recentemente, alguns missionários australianos serviram em Utah.

A imprensa falada e escrita dedica uma atenção relativamente alta à Igreja, com uma média de cento e vinte a duzentas notícias por mês, noventa e cinco por cento das quais positivas. No ano passado, foi batido o recorde de cobertura da imprensa, com uma média de uma página inteira de espaço de jornal para cada dia útil do ano. Houve extensa cobertura do rádio e televisão de eventos como a visita de Miss América — Sharlene Wells — que é membro da Igreja, e do astronauta Don Lind, a nova Primeira Presidência, com a morte do Presidente Spencer W. Kimball, e o término de novas capelas.

Sob a direção do Departamento Missionário da Igreja, as estações de rádio e televisão apresentam mensagens de um minuto com a visão SUD sobre os desafios da vida. No início de 1986, milhares de cartas de não-membros chegaram aos escritórios da Igreja, em resposta a uma mensagem a respeito da comunicação dos pais com os filhos. Muitas das cartas eram comoventes, de adolescentes que diziam que a Igreja era sua "última esperança" para um melhor relacionamento com os pais, ou de pais que calorosamente louvavam a Igreja por tratar de um dos maiores problemas sociais.

Garry P. Mitchell, representante regional para as regiões de Sydney e Brisbane, esteve intimamente associado ao departamento de comunicações públicas, na Austrália, durante muitos anos. "Houve uma incrível melhora na imagem da Igreja", diz ele. "A hostilidade e o antagonismo que com tanta freqüência enfrentávamos na imprensa, há apenas cinco anos, não existe mais. De um modo geral, agora nos aceitam pelo que somos.

Estatisticamente, a Igreja agora tem pouco mais de setenta mil membros na Austrália, sendo que, na década de 1950, tinha menos de três mil. A tecnologia de computadores, nos escritórios de área do Pacífico, em Sydney, auxilia os líderes do sacerdócio a não perderem de vista os membros. Um sistema de registro de membros baseado em computador, foi desenvolvido especificamente na Austrália, como projeto-piloto para outras áreas internacionais.

O progresso em todas essas áreas significa um desafio contínuo para a Igreja, na Austrália.

Élder John Sonnenberg, presidente de área do Pacífico, diz:

"Toda área da Igreja tem seus desafios, e não somos exceção. Mas existe um entusiasmo a respeito do trabalho, aqui, muito encorajador. Todos os membros da presidência sentiram isto, ao visitarmos as estacas. Existe um forte apoio e uma grande cooperação por parte dos membros e dos líderes, que nos torna muito otimistas em relação ao futuro." □

Em cima: Classe de economia doméstica da Sociedade de Socorro na Ala III de Perth assistem ao videotape sobre arte culinária. Ao centro: Vista do Rio Yarra e Melbourne. Embaixo: Sede da Estaca de Moorabbin Melbourne Austrália.

BOB COWAN

O Momento que Mudou Sua Vida

Bob Cowan saiu de casa aos dezenove anos, e durante três anos ficou cruzando o continente australiano em seu pequeno carro esporte amarelo. À semelhança de muitos jovens australianos, achava necessário ver um pouco do vasto continente que chamava de pátria.

Nos três anos seguintes, viajou duas vezes pelo país, trabalhando em vinte e seis empregos diferentes. Mas suas viagens também lhe trouxeram uma bênção com a qual não contava: ele tornou-se membro de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Sua vida nômade "foi maravilhosa a princípio", diz Bob agora. "Era tudo o que eu desejava fazer: viajar, conhecer a Austrália, não me preocupar com laços afetivos ou compromissos." Ele viajava até uma localidade que o interessasse, trabalhava durante algum tempo e depois continuava seu caminho.

Mas, em suas viagens, aconteceram duas coisas que exerceriam uma profunda influência em sua vida.

Trabalhando como auxiliar do departamento de autópsias, num hospital, ele se viu face a face com a morte, pela primeira vez. Foi uma experiência que deu o que pensar a um jovem que sempre achava que a vida significava divertimento.

Algum tempo depois, viajando por Townsville, no norte, Bob testemunhou as conseqüências de um ciclone que arrasou a cidade, em 1972. "A destruição foi incrível. Lembro-me de ficar sentado no meu carro, pensando que era preciso haver mais propósito na vida, alguma coisa mais.

Eu havia visto tudo que desejara. Mas, no final, não havia nada. Apenas uma sensação de vazio.

Lembro-me de fazer uma oração, sentado no carro: Deus, se tu estás aí, faça comigo o que for necessário."

No dia seguinte, Bob Cowan estacionou seu carro esporte numa praia paradisíaca, fora de Cairns, e depois descobriu que não conseguia dar partida novamente. Enquanto esperava ajuda de um mecânico, começou a esculpir na areia limpa e úmida. Logo se aproximou dele uma mulher que o cumprimentou por seu talento, e iniciou uma conversa relacionada ao evangelho.

"Ela me disse que o ramo local de sua igreja ia fazer um cruzeiro de barco no dia seguinte, e convidou-me a participar." Bob diz: "Não sabia nada a respeito daquela mulher ou da igreja sobre a qual ela estava falando, mas, enquanto estava sentado no carro-guincho, com meu carro sendo levado de volta à cidade, recebi um forte testemunho espiritual de que aquele convite era uma resposta à minha oração."

No embarcadouro no dia seguinte, os missionários — obviamente avisados antecipadamente pela irmã que conversara com ele — fizeram-lhe sinal a fim de que parasse, quando foi chegando em seu carro esporte, já consertado. Bob juntou-se ao grupo da Igreja, no barco. "Durante o tempo em que estava no barco, tinha a nítida impressão de estar em casa", diz ele.

Os missionários não participaram do passeio, mas, no dia seguinte, deram-lhe um exemplar do Livro de Mórmon, pedindo que o lesse.

Os planos de Bob eram viajar para a longínqua cidade de Weipa, no norte da Austrália, e levou o livro consigo, lendo-o de capa a capa, a maior parte na pequenina barraca para duas pessoas, de alumínio, onde ficou. Profundamente tocado pelo que leu, Bob sabia que desejava ser batizado.

Voou de volta para Cairns, para dias cheios de acontecimentos. Os élderes deram-lhe as seis palestras numa só noite; no dia seguinte foi batizado, e compareceu à Igreja no domingo.

Voltando imediatamente para a isolada cidade de Weipa, Bob ficou impossibilitado de freqüentar a Igreja durante dois anos. "Eu estava entusiasmado por ser membro da Igreja", diz ele, "mas sabia muito pouco a respeito do evangelho. Nada conhecia a respeito de Doutrina e Convênios, Pérola de Grande Valor ou a história da Igreja."

Mas, em 1974, dois anos depois de tornar-se membro, e então com a idade de vinte e quatro anos, Bob foi mandado para Brisbane pela companhia para a qual estava trabalhando. Procurando imediatamente o

endereço da Igreja na lista telefônica local, começou a freqüentar regularmente. Adquiriu conhecimento sobre o evangelho com rapidez, e pouco mais de um ano depois, partiu em missão para Perth, do outro lado do continente.

Logo depois de retornar de sua missão, foi chamado para a presidência da Missão Austrália Brisbane, e, um ano mais tarde, como conselheiro na presidência da Estaca Brisbane Autrália, posição em que está há mais de sete anos.

O Presidente Cowan recorda sua vida anterior com certa admiração.

"Jamais consegui localizar a irmã que me convidou para aquele evento social da Igreja, mas aquele foi o momento que mudou minha vida." □

MARGARET LAWSON

A SUD Solitária de Kununurra

Não é possível chegar muito mais ao norte da Austrália do que a cidade de Kununurra, sem cair no Mar Timor. A cidade é uma remota comunidade agrícola e mineira, de três mil pessoas e apenas uma SUD.

Com exceção de Margaret Lawson, não existe outro membro da Igreja numa faixa de setecentos quilômetros. Sua capacidade de permanecer plenamente "ativa" nos últimos quatorze anos, é um exemplo que poderia ser imitado por outros membros isolados da Igreja.

Nascida na Inglaterra, aos trinta anos a Irmã Lawson emigrou para a Autrália, em 1966. Sofrendo de artrite aguda e de bronquite, o médico recomendou-lhe um clima mais quente.

Estabelecendo-se primeiramente em Perth, uma importante cidade do Oceano Índico, no oeste da Austrália, a Irmã Lawson conheceu alguns santos dos últimos dias, num grupo de teatro local. Quando aceitou o emprego de diretora de palco, tanto o gerente do grupo quanto o ator principal eram membros da Igreja.

Toda vez que o grupo iniciava ou terminava um ensaio, o diretor-gerente os reunia para uma oração, lembra-se a Irmã Lawson. "Apesar de não ser membro da Igreja, aquilo me fazia muito bem, pois sempre costumava orar silenciosamente, antes de entrar no palco, e de alguma forma, aquilo me parecia correto."

Logo foi convidada a comparecer às reuniões da Igreja, e pouco depois a Irmã Lawson foi batizada. Naturalmente alegre e estusiástica, ela serviu como diretora de teatro da ala e da estaca, em Perth, envolvendo-se plenamente na Igreja.

Mas sua saúde continuou a piorar. Quando necessitou de uma bengala para caminhar, o médico lhe disse que deveria ir para o norte da Austrália, onde o clima é muito mais quente e úmido. Desde aí, seu lar vem sendo Kununurra, onde trabalha como técnica em laboratório médico.

À esquerda: O túmulo recentemente descoberto de William Barrat, o primeiro missionário SUD na Austrália, na cidade litorânea de Victor Harbor. Ao centro: Vista da baía de Perth. Em cima, à direita: O Vale do Ah, localizado no Rio Georges, em Sydney, subúrbio de Milperra era um dos lugares onde os batismos eram realizados nos anos de 1920. Ao centro, à direita: Uma classe da Primária na Ala III de Perth. Página seguinte: Vista da Ponte de Victoria e Brisbane. Inserção: A capela da ala de Beenleigh, Estaca Brisbane Austrália Sul.

A fim de manter seu compromisso com o evangelho e edificar sua espiritualidade, a Irmã Lawson estabeleceu alguns padrões para si mesma, quando se mudou para Kununurra, os quais tem mantido até agora. Ela lê sistematicamente dois ou três capítulos das obras--padrão todos os dias. Também lê toda literatura da Igreja que pode conseguir. "Assino todas as revistas da Igreja", diz ela.

Duas vezes por mês, ela recebe um telefonema da presidente da Sociedade de Socorro da cidade de Darwin, a setecentos quilômetros de distância e centro de atividades da Igreja no vasto território setentrional da Austrália. Os telefonemas são um incentivo muito bem-vindo, assim como as fotocópias das aulas da Sociedade de Socorro e da Escola Dominical, que também lhe são enviadas.

Normalmente, a Irmã Lawson tem oportunidade de tomar o sacramento apenas uma vez a cada seis meses. Quando tem a possibilidade de tirar uma folga do trabalho, vai até Darwin para a conferência do distrito, uma viagem de fim-de-semana que lhe custa uma média de trezentos e cinqüenta dólares em passagens de avião. Ocasionalmente, o presidente da missão ou outro portador do sacerdócio passa pela cidade, e a Irmã Lawson aproveita a oportunidade para solicitar uma bênção.

Às vezes, devido à rotatividade dos empregados na indústria de mineração, outros membros estabelecem residência temporária em Kununurra. Mesmo um membro a mais já faz com que a Irmã Lawson o considere "um ramo".

O conselho que ela dá às pessoas que vivem isoladas, é fazer do "Pai Celestial um amigo".

"Você precisa estudar regularmente, conversar com ele como com um amigo real, e depois procurar fazer amizade com as pessoas que vivem perto de você. Não é preciso mudar seus padrões só por conviver com pessoas que não são da Igreja e que sentem e se comportam diferentemente."

A Irmã Lawson diz que é especialmente importante envolver-se na comunidade. Ela é presidente de um grupo teatral da cidade, tesoureira da Associação de Progresso local, e vice-presidente do Comitê de Coordenação Cultural.

Tendo feito seus endowments no Templo de Londres, a Irmã Lawson vive a três mil e duzentos quilômetros do Templo de Sydney, longe demais para visitá-lo regularmente. Contudo, há pouco tempo, estabeleceu a única sociedade genealógica de Kununurra. Sua meta a longo prazo: cumprir missão em um dos templos de clima tropical. □

AUSTRÁLIA

A Primeira Metade do Século Vinte

Marjorie A. Newton

Quando os santos dos últimos dias australianos, Bob Love e Maggie Henry se casaram, em 1929, a cerimônia foi realizada por um ministro presbiteriano local, em sua igreja. Depois o casal viajou para Enmore, uma capela de ramo SUD, onde o presidente da missão, Clarence H. Tingey, realizou o que foi chamado, no relatório de fim de ano da missão, "serviço de confirmação", para abençoar seu casamento.

O Irmão e a Irmã Love fizeram o que as circunstâncias obrigaram muitos jovens santos dos últimos dias a fazer. O templo mais próximo ficava a quase dez mil quilômetros de distância, no Havaí, e a passagem de ida e volta, para dois, equivalia a vários

Embaixo: Organista Rebecca Liddicoat, da Ala III de Perth. Ao centro: Membros da Igreja na antiga sede da Missão Australiana, à rua Pemell, Enmore, em 1908. Em cima: Chefe de escoteiro Steve Jackson instrui os meninos da Ala VIII de Perth.

anos de salário. O governo estadual de New South Wales não licenciava santos dos últimos dias para oficiarem casamentos e assim os Love, como outros no mesmo caso, precisavam realizar seu casamento civil em outra igreja, ou no escritório de registros do governo. Foi somente em 1952 que o casal Love pôde levar seus cinco filhos ao Templo de Lago Salgado para serem selados.

A história deles exemplifica as experiências de muitos casais jovens da Igreja, na Austrália, antes da II Guerra Mundial. A luta dos santos para serem reconhecidos pelas autoridades civis, foi um dos constantes temas da história da Austrália durante as primeiras décadas do século vinte.

Uma das razões freqüentemente apresentadas para não conferir "status" oficial à Igreja, era a falta de edifícios da Igreja na Austrália. Mas, depois de construída a capela de Melbourne, em 1922, o governo de Victória concordou em licenciar os santos dos últimos dias para realizar casamentos. Outros estados australianos levaram mais tempo para tomar essa decisão. Embora a primeira capela da Igreja tenha sido construída em Brisbane, em 1904, as cerimônias de casamento não foram reconhecidas pelo governo até 1929. A capela de Enmor, em Sydney, foi aberta em 1924, mas casamentos SUD não foram registrados pelo governo de New South Wales até 1931.

A construção de capelas fez muito para promover a imagem da Igreja como parte permanente da vida australiana. Ter uma capela própria era o sonho de todo pequeno ramo. Embora a Igreja pagasse cinqüenta por cento do custo, era sempre uma luta para os ramos conseguirem o restante do dinheiro.

Embora a primeira metade do século vinte seja freqüentemente considerada como um período de crescimento lento para a Igreja na Austrália, os avanços foram razoáveis, considerando-se o pequeno número de missionários, às vezes menos de vinte para pregar num país de quase oito milhões de quilômetros quadrados, e os efeitos de duas guerras mundiais e da grande depressão econômica da década de 1930. O número de membros australianos mostra um crescimento gradual, mas constante, de trezentos e vinte e oito em 1901, para dois mil trezentos e noventa e seis, em 1951.

No final da década de 1920, a maioria dos ramos era suficientemente grande para manter todos os programas auxiliares da Igreja. Na maioria, um senso de "família" se desenvolveu à medida que os membros trabalhavam juntos, às vezes servindo em várias

auxiliares ao mesmo tempo.

No início de 1930, o Presidente Clarence Tingey chamou portadores locais do sacerdócio para as presidências de ramo, onde foi possível, desobrigando os missionários de tempo integral dessas responsabilidades, permitindo-lhes devotar-se unicamente ao proselitismo. A experiência administrativa adquirida pelos irmãos locais, significaria sobrevivência para muitos ramos australianos dez anos mais tarde, quando a II Guerra Mundial forçou a volta de todos os missionários americanos para casa.

Na década de 1930, meia dúzia de irmãos australianos foram ordenados élderes e chamados para cumprir missão de tempo integral de um ou dois anos, geralmente em seu próprio país. Oswald ("Ossie") Watson, de Glen Huon, Tasmânia, tornou-se o primeiro missionário americano a servir além-mar, quando foi chamado para a Missão da Nova Zelândia, em 1930.

As viagens dos missionários eram longas e árduas, especialmente para os que vinham dos Estados Unidos. A viagem para a Austrália levava várias semanas, mesmo em modernos navios de passageiros. Uma vez na missão, o transporte entre locais de trabalho era difícil. Até a I Guerra Mundial, a maioria das transferências se fazia por vapor costeiro. Mais tarde, levava muitos dias e noites (e várias baldeações de trens, devido às bitolas diferentes dos trilhos em diferentes estados) para atravessar o país de Perth a Sydney.

Os presidentes de missão e suas esposas levavam vários meses para visitar todos os distritos e ramos espalhados pelo país. O Ramo de Perth tinha muita sorte, quando via o presidente da missão uma vez por ano.

Sempre que possível, os missionários faziam viagens para visitar santos isolados que moravam loge de ramos organizados; os élderes ministravam o sacramento e davam conselhos e conforto segundo as necessidades. Durante algum tempo, a casa da missão mandava pelo correio as lições da Escola Dominical para esses santos em lugares distantes. Outro esforço para vencer as grandes distâncias entre grupos de santos, foi feito pelo Presidente Tingey, em 1929, que iniciou a publicação de um pequeno jornal mensal, segundo o modelo do *Millennial Star*, na Inglaterra. O *Austral Star* foi publicado regularmente até dezembro de 1958.

Mas a II Guerra Mundial, iniciada em setembro de 1939, diminuiu o crescimento da Igreja na Austrália. Muitos jovens foram convocados. Alimentos, roupas, gasolina foram racionados, e as limitadas viagens. Então, a 14 de outubro de 1940, o presidente da missão, James Judd, recebeu um telegrama da Primeira Presidência, chamando de volta todos os missionários.

Um novo presidente de missão, Elvon W. Orme, teve que lutar, durante todo o tempo de guerra, para administrar a missão que se espalhava. Frederick E. Hurst, um jovem élder de Melbourne, foi chamado para auxiliá-lo. Muitos ramos pequenos tiveram de ser fechados. Irmãs dedicadas passavam longas horas datilografando cópias de materiais da Igreja, escassos por causa de espaço de cargo, quase todo ele reservado para uso militar, a fim de enviá-los aos ramos. Com os crescentes rumores de iminente invasão, o Presidente Orme providenciou a remoção das crianças SUD de Sydney. Semanas mais tarde, os subúrbios adjacentes ao porto de Sydney foram bombardeados por navios de guerra ao largo. Cerca de trinta crianças permaneceram em Grenfell, quatrocentos quilômetros a oeste, até que cessasse a ameaça de invasão.

Levou anos até que a missão se recuperasse dos efeitos da guerra, porque a disponibilidade de missionários e de literatura da Igreja era pequena. Mas, por volta de 1950, o contingente de missionários era mais do dobro de antes da guerra, e o número de batismos de conversos começou a crescer enormemente; e continuou a crescer até que a Guerra da Coréia diminuísse novamente o número de missionários americanos.

Nos primeiros vinte anos deste século, o número de membros na Austrália chegou apenas a mil, e levou mais de vinte anos para alcançar dois mil. Esta cifra permaneceu inalterada entre 1942 e 1950, mas os três mil foram alcançados em apenas quatro anos, entre 1951 e 1955.

O surto de crescimento recebeu novo estímulo, depois que o Presidente David O. Mckay visitou a Austrália, em 1955. Ele viu a necessidade de capelas modernas, de viagens aéreas, de uma missão dividida em proporções mais adequadas. Reconheceu que os portadores do sacerdócio australianos estavam prontos para maiores responsabilidades de liderança, e a reação da Igreja a tais necessidades e habilidades, assim como o crescimento acelerado que se seguiu, levaram à organização das primeiras estacas australianas, na década de 1960.

Hoje, há mais de setenta mil membros da Igreja nesse país. □

CASAMENTO SEM MANIP

Larry K. Langlois

Algum tempo atrás, entrou em meu escritório um homem profundamente perturbado emocionalmente. Era grande, de aparência dura, mas chorava amargamente ao contar-me sua história.

Ele se casara no templo cerca de vinte anos atrás, e achava que vivia um bom casamento. Ele e a esposa tinham seus problemas, mas assegurava-se que qualquer pessoa de sua ala diria que eles eram o casal mais feliz de lá. Então, certo dia a esposa arrumou suas coisas, pegou as crianças, saiu de casa e pediu divórcio.

Esse homem ficou totalmente aturdido quando a mulher o deixou, mostrando também um profundo ressentimento e raiva em relação a ela. Era claro que considerava o procedimento dela viciosamente iníquo e que precisava ser detido a qualquer custo. Senti-me pouco à vontade, quando percebi que desejava que eu encontrasse um meio de fazer a esposa voltar para ele. Interrompi-o e disse: — Não posso *fazer* que sua esposa volte para o senhor, se ela estiver decidida a não voltar.

Ele pareceu muito desapontado: — Procurei o bispo e o presidente de estaca — disse ele — e eles não puderam ajudar-me. Disseram-me que o senhor é conselheiro matrimonial, por isso vim vê-lo, e o senhor diz que não pode ajudar-me. E agora, quem devo procurar?

Tentei ajudá-lo a considerar um outro tipo de atitude, em lugar de forçar a esposa a voltar. Mas, do ponto de vista dele, ela estava errada e tinha de ser punida severamente, sendo obrigada a fazer o que era certo. Ele se ressentia diante da mera sugestão de que pudesse haver uma outra alternativa. Tanto quanto sei, ele nunca mudou, e seu casamento realmente terminou.

Livre-Arbítrio versus Força: Uma Luta Eterna

O centro de muitas disputas matrimoniais é a eterna luta do livre-arbítrio individual com a força. Poucos princípios do evangelho são mais claramente explicados nas escrituras, e poucos mais amplamente reconhecidos e comentados. Poucos, porém são tão mal compreendidos e desvirtuados.

Moisés 4:1-4 explica com clareza que a rebelião nos céus se deveu à questão do livre-arbítrio contra a força. Deus anunciou um plano que permitia ao homem ter o livre-arbítrio. Satanás apresentou um plano contrário, gabando-se: "Redimirei a humanidade toda, de modo que nem uma só alma se perderá." Cristo apoiou o plano de Deus, dizendo: "Faça-se a Tua vontade." Houve guerra, e Deus explicou o resultado: "Portanto, por causa de Satanás ter-se rebelado contra mim e haver procurado destruir o livre-arbítrio do homem, que eu, o Senhor Deus, lhe tinha dado, e também por querer que eu lhe desse o meu próprio poder, fiz com que ele fosse expulso."

O casamento de muitos membros fiéis da Igreja, que acham que estão vivendo os princípios do evangelho, é enfraquecido, prejudicado e destruído pelo uso indevido do arbítrio e pelo uso da força, a mesma questão pela qual houve guerra nos céus.

Há pelo menos cinco maneiras diferentes pelas quais as pessoas tentam impor sua vontade ao cônjuge.

1. Uso da Força Física

O primeiro e mais óbvio tipo de força é físico. A força física e a violência têm sido repetidamente condenadas pelo Senhor. Por exemplo, quando os centuriões romanos prenderam Jesus, antes da crucificação, um dos seguidores do Senhor desembainhou a espada e atacou um dos soldados, cortando-lhe a orelha. Jesus imediatamente curou o soldado e repreendeu seu seguidor, dizendo: "Todos os que lançarem mão da espada à espada morrerão." (Mateus 26:52.)

Embora Cristo denunciasse constantemente a violência, algumas pessoas que se dizem cristãs, justificam o uso da violência para impor sua vontade ao cônjuge. Lembro-me de um homem que justificava ter batido na mulher, dizendo: "Nunca bato nela, a não ser que mereça." Tendo conseguido que ele compreendesse que não podia usar de violência com

LAÇÃO

O casamento de muitos membros fiéis da Igreja é enfraquecido, prejudicado e destruído pelo uso indevido do arbítrio e pelo uso da força.

ela, ainda que *sentisse* ser merecida, conseguimos resolver alguns outros problemas do seu relacionamento.

A violência — uso da força física para impor a própria vontade ao cônjuge — não tem lugar no casamento. Isso deveria ser óbvio para as pessoas que têm um testemunho do Evangelho de Jesus Cristo, mas, aparentemente, ainda precisa ser ensinado.

2. Uso Indevido da Autoridade do Sacerdócio

A segunda forma em que o marido pode impor sua vontade à mulher é mais sutil e, portanto, mais difícil de resolver. É dizendo que, devido à autoridade do sacerdócio, ao seu chamado ou posição ou à ordem patriarcal, a pessoa tem o direito de forçar a outra a fazer o que ela deseja.

Esta prática foi explícita e severamente condenada nas escrituras. Por exemplo, em D&C 121:39, lemos: "Aprendemos por experiências dolorosas que é da natureza e disposição de quase todos os homens, que tão depressa adquirem um pouco de autoridade, como supõem, logo começam a exercer injusto domínio."

O sacerdócio e a ordem patriarcal podem funcionar adequadamente apenas numa atmosfera de livre-arbítrio. O versículo 46, da mesma seção, ensina que, se a autoridade for usada propriamente, "o teu cetro (será) um cetro imutável de retidão e verdade; e o teu domínio um domínio eterno e *sem medidas compulsórias* que fluirá a ti para todo o sempre". (Grifo nosso.)

Obviamente, não podemos usar a autoridade do sacerdócio como instrumento de força. Contudo, alguns homens da Igreja erroneamente insistem em que, por terem a autoridade do sacerdócio, os membros de sua família devem fazer o que eles dizem, sem qualquer pergunta.

Por outro lado, algumas mulheres da Igreja tentam forçar o marido a magnificar seus chamados no sacerdócio. Elas não entendem que estão fazendo a mesma coisa que Lúcifer procurou fazer, quando se rebelou contra Deus: forçar a obediência a princípios justos. O Senhor sempre rejeitou o uso da força para se alcançar objetivos justos.

3. Apelo a uma Autoridade Maior

Uma terceira forma de aplicar força é apelar para uma *autoridade maior*. Algumas pessoas citam as escrituras e as autoridades da Igreja, ou apelam para princípios do evangelho, para forçar os outros a fazerem a sua vontade. Esta tática manipulativa não deve ser confundida com a expressão legítima de um sentimento religioso sincero. É um uso cínico das escrituras ou de nomes e citações de autoridades da Igreja, para forçar uma concordância à sua própria vontade.

Algum tempo atrás, eu estava aconselhando um casal de membros da Igreja. Ela era muito dedicada à Igreja. Ele freqüentava com regularidade moderada, mas tinha pouco desejo de levar seu envolvimento muio além. Ele era um marido bom e amoroso, dedicado à mulher e à família, mas não tinha um testemunho genuíno do evangelho, e não estava interessado em adotar muitos elementos do estilo de vida SUD. A esposa, profundamente desesperada, achava que a atitude apática dele, em relação à Igreja, representava uma ameaça direta à salvação eterna dela.

Ela tentara, de diversas maneiras, forçar o marido a mudar. Finalmente, levou-o para me ver. Ela sabia que eu era um membro dedicado da Igreja, e esperava que eu procurasse fazer o marido mudar. Quando conversamos, ela tentou conseguir minha ajuda para forçá-lo a cumprir princípios retos, conforme ela os compreendia. Citou repetidamente as escrituras e autoridades da Igreja, assim como princípios do evangelho, para encorajar-me a fazê-lo. Mas eu evitei forçar o marido.

Em certo momento, mencionei os versículos da seção 121, citados acima, sugerindo que não era apropriado ela procurar forçar o marido. Ele me encarou ansiosamente e perguntou: — Isto quer dizer que ela não deve tentar forçar-me a levá-la ao templo?

Eu disse: — É dessa forma que entendo. O que o senhor acha?

Ele respondeu: — É, sempre acreditei nisso. Amo muito minha mulher. Quero ficar com ela por toda a eternidade, se for possível. Não sei se será ou não, mas sei que não é correto ela procurar forçar-me a casar

com ela no templo.

Ele olhou intensamente a página que eu acabara de ler, enquanto a esposa chorava de mansinho.

Quando a mulher parou de tentar forçar o marido, sua relação amorosa voltou a florescer. Tenho confiança de que as oportunidades de o marido encontrar a felicidade do evangelho são maiores agora, num ambiente de amor e livre expressão do arbítrio. Provavelmente a maior falha no plano de Satanás é que, simplesmente, não funciona. O comportamento pode ser forçado a curto prazo, mas um relacionamento só pode perdurar quando ambas as partes são livres para comprometer-se mutuamente, assim como com princípios justos.

A mulher da história precedente não foi tão manipulativa e hipócrita quanto muita gente que apela para uma autoridade maior, a fim de atingir seus próprios fins. Mas as pessoas que procuram forçar mudanças, ás vezes violam os princípios do evangelho de maneira muito mais ofensiva do que as pessoas que tentam corrigir.

Cristo compreendia e perdoava todo o tipo de pecador arrependido, mas denunciava vigorosamente os que, hipocritamente, professavam retidão como um instrumento manipulativo para o atendimento de seus próprios meios egoístas. "Ai de vós", dizia ele, "pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos". (Mateus 23:27.)

Alguns dos mais sérios problemas no casamento surgem quando os cônjuges procuram camuflar suas táticas manipulativas sob o manto de princípios justos. As escrituras referem-se àqueles que tentam fazer isto como lobos vestidos com pele de ovelhas. Sua hipocrisia é profunda, insidiosa e iníqua.

4. Uso da Crítica

O quarto meio de forçar é a crítica, o ridículo e a culpa. Um exemplo bem humano deste método é encontrado no relato sobre Maria e Marta, em Lucas 10:38-42.

Neste incidente, Marta supôs que seus desejos eram justos, e os de Maria errados. Esta é a suposição básica, geralmente incorreta, de toda crítica. Mais importante, entretanto é que tentou forçar Maria a seguir sua vontade. Primeiro, procurou fazer com que Jesus criticasse Maria, e depois pediu-lhe que pressionasse Maria, a fim de que esta a ajudasse. Jesus recusou-se a reforçar a crítica de Marta e apoiou Maria. Também não criticou Marta, embora questionasse suas prioridades. Ele também não tentou forçar uma mudança de comportamento em qualquer das duas, atitude consistente com a defesa poderosa que fez, na vida pré-mortal, do livre-arbítrio individual.

A crítica pode causar grandes danos ao casamento, assim como acusações de culpa e a procura de defeitos no outro. Um casal que foi conversar comigo, passou a maior parte de nossa sessão criticando-se mutuamente de maneira impiedosa. Perguntei-lhes se seriam capazes de dizer algo de bom sobre o cônjuge. Olharam-se durante algum tempo, e depois a esposa sacudiu os ombros e disse: "Bem, o que *posso* dizer? Ele não matou ninguém."

Eram pessoas honestas e sinceras, que se haviam casado porque gostavam de muitas coisas um no outro. Mas, passando anos e anos tentando modificar o comportamento um do outro, haviam substituído o reconhecimento desses traços positivos por uma torrente de críticas e desaprovação constantes. Isto azedara seu relacionamento ao ponto em que seria difícil consertá-lo. Para que esse casal possa readquirir aquele sentimento de doçura e amor que os levara ao casamento, precisarão primeiro abrir mão das críticas e das tentativas de modificar um ao outro.

5. O Uso de Poder Pessoal

A quinta forma: procurar forçar as pessoas a fazerem o que se deseja, é simplesmente usar a força de sua personalidade. Num casamento em que uma pessoa é mais segura e agressiva que a outra, o cônjuge mais fraco provavelmente perderá em qualquer confronto. Essa situação pode ser cômoda para a pessoa forte, mas a mais fraca poderá desenvolver um profundo ressentimento no decorrer do tempo. Temor e insegurança geralmente impedem que o ressentimento e

O amor, a fidelidade e a lealdade só podem desenvolver-se num clima de liberdade.

a ira venham à tona imediatamente, mas geram depressão e apatia, além de criarem um desejo sutil de retaliação. Tudo isto torna o casamento frágil, o que poderá ser tolerado pela pessoa mais fraca durante um bom tempo, mas depois ela poderá simplesmente ir embora, desesperada.

É muito difícil consertar um casamento desse tipo, porque os cônjuges, em geral, não procuram ajuda até ser tarde demais. A pessoa forte sinceramente não percebe o problema, e a mais fraca é muito tímida ou tem medo de mencionar o problema até que o casamento se torna irreparável.

Novamente, as escrituras apresentam um padrão ideal para evitar o uso da força nesse tipo de situação. João 4:6-42 relata a história de uma mulher junto a um poço. É óbvio que nesta história Jesus está lidando com uma mulher fraca, e sua força e segurança são igualmente óbvias.

O ponto interessante dessa história, entretanto, não é a enorme diferença no que os psicólogos chamam de "força do ego" entre Jesus e a mulher, mas com que cuidado Jesus evita aproveitar-se de sua força ao lidar com ela! Ele poderia ter usado não apenas sua força pessoal, mas também sua autoridade escriturística e sua crítica, para tentar forçá-la a fazer a sua vontade. Mas, intencionalmente, evita usar qualquer tática de poder. Ao invés disso, ele diz: "Vai, chama o teu marido, e vem cá.

A mulher respondeu, e disse: Não tenho marido." (Vers. 16-17.)

A resposta dela foi claramente enganadora, e Jesus o sabia, mas nem a criticou nem exibiu seu conhecimento. Cuidadosamente protegeu os sentimentos dela e falou-lhe de forma sensível e bondosa; contudo, foi claro, dizendo: "Disseste bem: Não tenho marido;

Porque tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade." (Vers. 17-18.)

Observai a ausência de crítica ou sarcasmo, a completa ausência de qualquer imposição. Jesus lutou pelo princípio do livre-arbítrio, antes de nossa mortalidade, e jamais o violou, enquanto esteve na terra.

A continuação dessa história é muito instrutiva: "Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta." (Vers. 19.)

Sua atitude de respeito e sensibilidade provocou uma reação positiva. A mulher era receptiva e estava pronta para aprender. Aprendeu com ele os princípios do evangelho, e serviu de instrumento para tornar Cristo conhecido de muitos, naquela cidade. Ficou claro, nesta história, que Jesus foi muito mais eficiente ao respeitar o livre-arbítrio dessa mulher do que poderia ter sido, se usasse seu conhecimento superior e a força de sua personalidade para impor-se.

No casamento, freqüentemente existe uma diferença de força pessoal entre os cônjuges. Isto não precisa transformar-se em problema, se a pessoa mais forte não usar sua força como arma; contudo, é comum o cônjuge mais forte dominar o mais fraco. Essas pessoas de personalidade forte provavelmente ficariam chocadas à idéia de usar força física para impor sua vontade ao cônjuge, mas a força que usam não é menos devastadora, psicologicamente. O uso de uma personalidade mais forte para impor a própria vontade ao cônjuge, não é uma violação menor dos princípios do evangelho do que o uso de força física superior.

Examinamos cinco meios de enfraquecer o casamento. Se eliminarmos todos eles, como poderemos alcançar nossos propósitos justos e ajudar nosso cônjuge a crescer e se desenvolver? Podemos utilizar os meios compatíveis com os princípios do evangelho, que são muito mais eficazes e apropriados. Além de denunciar o domínio injusto, Doutrina e Convênios 121 menciona algumas táticas legítimas, e o capítulo 13 de I Coríntios fala ainda mais minuciosamente sobre elas. Seria bom que todos nós lêssemos essas passagens e depois examinássemos nossos vários relacionamentos à luz dessas escrituras.

O oposto da força é o livre-arbítrio. A força pode assegurar que as pessoas se comportem de certa maneira, a curto prazo, mas, a longo prazo, causará ressentimento e provocará resistência. Sempre falhará. O amor, a fidelidade e a lealdade só podem desenvolver-se num clima de liberdade. Este, que foi o maior problema na Guerra dos Céus, é um fator significativo nesta vida terrena, e provavelmente continuará a ser importante, por toda a eternidade.

Um casamento feliz e mutuamente satisfatório não sobreviverá por muito tempo às táticas da força, independentemente da razão. O casamento feliz e satisfatório precisa ser edificado lenta e cuidadosamente, sobre um alicerce de livre-arbítrio individual. □

Larry K. Langlois, terapeuta matrimonial, familiar e infantil, é professor de uma classe para pais, na Estaca de Pasadena Califórnia.

Para os quatorze filhos da família Wolfgramm, o Livro de Mórmon não é apenas um livro de história, nem apenas um livro de escrituras. É a própria história de sua família, seus parentes. Suas páginas sagradas os ajudam a traçar sua genealogia até Adão, através de seu octogésimo tetravô: Néfi.

Seria preciso procurar muito para encontrar uma família mais dedicada ao estudo do Livro de Mórmon, ou aos valores que ele ensina. Isto pode ser difícil de acreditar, quando a família se acha tão profundamente envolvida no mundo do entretenimento, pois oito dos filhos da família Wolfgramm são membros de um conjunto musical de grande sucesso: "The Jets". Mas são o Livro de Mórmon e a união da família que os mantêm afastados de qualquer mau elemento do mundo do "show business".

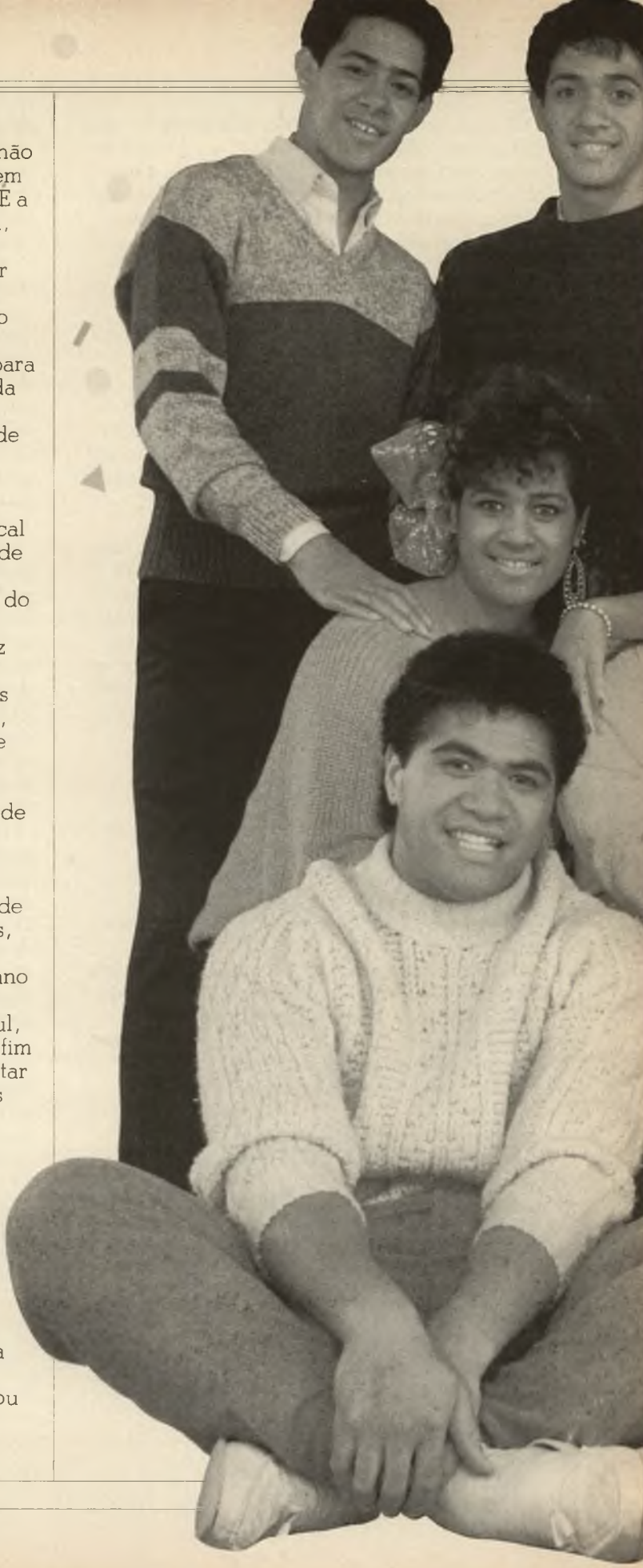
"Há muita tentação no ambiente musical", diz Eugene, de dezoito anos, que canta e faz a percussão para os Jets. "Mas quando temos bons pais que não deixam de realizar a noite familiar, quando pagamos o dízimo, lemos as escrituras e fazemos tudo aquilo que o profeta diz, somos abençoados."

"A chave do sucesso é o que Eugene acabou de dizer", afirma Leroy, o mais velho e líder do grupo. "É uma longa história de obediência e trabalho árduo."

A história deles se compara de certa forma à de seus antepassados do Livro de Mórmon. Os pais, Mike e Vake, saíram de sua terra natal, Tonga, cerca de vinte anos atrás, e atravessaram o oceano para morar em Lago Salgado, Utah. Naquela época, não havia nenhum templo no Pacífico Sul, e eles foram para a Cidade do Lago Salgado, a fim de serem selados. Não tinham dinheiro para voltar para Tonga, e assim permaneceram nos Estados Unidos, começando a aumentar a família.

Semelhantemente à família de Léhi, os Wolfgramm precisaram trabalhar muito para conquistar um lugar ao sol em seu novo país. Além de outros trabalhos, os pais participavam de grupos polinésios que faziam apresentações artísticas na área do Lago Salgado. Assim que as crianças tinham idade suficiente para andar e falar, aprendiam a tocar, cantar e dançar segundo as tradições polinésias. Todos gostavam da vida artística, e logo a família tinha um grupo polinésio próprio.

Nunca tiveram aulas profissionais de música ou dança. O que os pais não podiam ensinar-lhes,



Fotografia por Laird Roberts e Brian Wilcox

OBEDIÊNCIA, TRABALHO ÁRDUO E FÉ, SUSTENTAM UM CONJUNTO MUSICAL DE SUCESSO

O LIVRO DE MÓRMON É UMA HISTÓRIA FAMILIAR PARA "The Jets"

Lisa A. Johnson

aprenderam sozinhos. Hoje admitem receber conselhos profissionais para aquecer suas vozes antes dos concertos. Mas, pode-se dizer que são músicos autodidatas, o que parece surpreendente, quando nós os assistimos manipulando sintetizadores, guitarras e um sem-número de instrumentos de percussão e metal.

Os Wolfgramm viajaram com seu espetáculo pelos Estados Unidos e Canadá. Quando receberam uma oferta de trabalho fixo de uma cadeia de hotéis havaianos, em Minneapolis , Minnesota, arrumaram as malas e mudaram-se para lá. Minneapolis era tão longe de Tonga quanto possível, mas a família Wolfgramm gostava de lá e contribuía para a ala local, assim como para a indústria local de entretenimento.

Foi um desastre para eles quando a cadeia de hotéis em que estavam trabalhando fechou. Durante vários meses a família de quinze pessoas viveu no porão dos donos do hotel. Decidiram que seria mais proveitoso mudar da música polinésia para a popular, e começaram a viajar num velho caminhão, tocando em qualquer lugar que pudessem arranjar. "O caminhão não tinha assentos", recorda Leroy, "e sentávamos em cadeiras encostadas nas laterais. Às vezes viajávamos com a temperatura abaixo de zero, com gelo no teto e *dentro* do caminhão."

Finalmente, entretanto, seus esforços e dedicação foram compensados. Don Powell, homem experiente no campo do entretenimento, e que havia sido empresário de alguns conjuntos importantes durante as décadas de 60 e 70, ouviu-os tocar. Ele se havia retirado do negócio, porque a indústria tornara-se "muito bizarra", mas, quando ouviu a família Wolfgramm, voltou a interessar-se.

"A razão pela qual voltei aos negócios foi, literalmente, essa família", diz Don, que tivera muito pouco contato com A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, antes de encontrar a família Wolfgramm. "Toda a família é tão simpática e alegre, e tão talentosa, que não consegui deixar de envolver-me. E jamais teremos problemas com drogas, bebidas alcoólicas ou qualquer coisa do gênero, como acontece com muitos outros artistas. É uma coisa maravilhosa ser empresário deles."

Com o sucesso alcançado, todos os minutos de todos os dias são cheios de compromissos, com apresentações de espetáculos, aparições pessoais, entrevistas, gravações e sessões de fotografia, mas não se passa uma só segunda-feira sem a noite familiar. Se estão na "estrada" nalguma segunda-feira, toda a equipe é convidada, e aproveita-se a ocasião para fazerem obra missionária.

Às vezes, quando os Jets estão viajando, é um pouco difícil encontrar capelas para assistir às reuniões de domingo: por isso, a família recebeu permissão especial para realizar sua própria reunião sacramental. Visto que todos os rapazes portam o sacerdócio, todas as ordenanças podem ser realizadas.

E eles ainda usam roupas feitas em casa. Seus trajes, que são brilhantes, vistosos e rivalizam com qualquer outra coisa que se vê nos palcos, sem comprometer os padrões SUD, são desenhados e feitos pela mãe, que aprendeu alfaiataria quando trabalhava para a Beehive Clothing Mills, em Lago Salgado.

Seus dias são movimentadíssimos, mas, como outros jovens, eles arranjam tempo para estudar, ver seus professores e fazer os cursos de estudo no lar. O mais importante de tudo é o tempo que sempre encontram para o estudo das escrituras.

E eles não apenas lêem as escrituras. Eles as memorizam e as absorvem. A família Wolfgramm leva a sério as lições que aprendem no Livro de Mórmon, assim como leva a sério a freqüência à Igreja. "Muita gente acha que somos muito sérios, quando vamos à Igreja", diz Haini, de dezesseis anos, que é provavelmente o mais calado dos irmãos, apesar de ter muita energia, especialmente no campo de futebol e na quadra de basquete. "Mas a Igreja não é um acontecimento social, no domingo. Para nós é adoração."

Seria preciso procurar muito para encontrar uma família mais dedicada ao estudo do Livro de Mórmon, ou aos valores que ele ensina.

Embora Eugene seja considerado o brincalhão da família, acrescenta: "Quando vamos à Igreja, é de verdade. Não é uma brincadeira."

A música que os Jets tocam é positiva, vivaz, mas também tem um lado sério. "Nossas aulas na igreja nos ensinam a respeito do poder da música, e como pode destruir a mente", explica Leroy, "mas sabemos, por meio dos hinos, que a música também pode edificar; portanto, há dois lados no poder da música. Procuramos elevar as pessoas com nossa música, de uma forma contemporânea. Satanás está sempre puxando sua equipe de um lado, e o Senhor está sempre puxando a sua equipe do outro. Estamos do lado do Senhor, puxando com tanta força quanto nos é possível."

É uma família muito unida, e pelo menos um dos pais procura estar com o grupo em todas as suas viagens. Os seis membros mais jovens da família, incluindo os gêmeos, se revezam viajando com o grupo, e ficam animados, pensando no dia em que eles também poderão participar do conjunto.

"Gosto de estar com eles sempre que possível", diz a Irmã Wolfgramm, que parece quase tão jovem quanto os filhos. "Mas, mesmo quando não posso estar presente, eles olham uns pelos outros. Nossa família está sempre unida. Os irmãos cuidam das irmãs, e sabemos que, se trabalharmos todos juntos, tudo sairá bem."

Mas ela não se preocupa com as influências externas, que poderiam afetar os filhos? "Não", diz ela. "Eles lêem as escrituras. Não há nada capaz de ajudá-los tanto a resistir às tentações. É o que o pai deles e eu lhes ensinamos a vida inteira."

As escrituras têm desempenhado um papel importante na vida da família Wolfgramm, e eles procuram compensar seus antepassados, falando sobre eles a outras pessoas. "Este talento que recebemos é um veículo para a propagação do evangelho", diz Leroy, e seus irmãos e irmãs concordam entusiasticamente. "Levamos conosco uma porção de exemplares do Livro de Mórmon, para dar de presente às pessoas que encontramos." □

"Há muita tentação no ambiente musical", diz Eugene, "mas quando temos bons pais que não deixam de realizar a noite familiar, quando pagamos o dízimo, lemos as escrituras, somos abençoados".

UM MENINO DE W

Melvin Leavitt

Ser um menino em Whitney, Idaho, é trabalho duro. É plantar, ordenhar vacas e irrigar os campos. É cortar feno e colher trigo.

Ser um menino em Whitney também é muito divertido. É jogar bola, nadar nos reservatórios, andar a cavalo. É ir à reunião sacramental, preparar-se para a missão e crescer forte e verdadeiro.

Os meninos de Whitney têm muitos bons exemplos a seguir: exemplos de pais, avós e bisavós ativos. Os meninos de Whitney possuem uma tradição a continuar, um futuro para construir, que seja digno do seu passado. Quase todos os rapazes da ala saem em missão. Tem sido assim por cerca de cem anos.

E há um outro exemplo. Um ótimo exemplo. O Presidente Ezra Taft Benson também é um menino de Whitney.

Fotografia da equipe das Revistas da Igreja e cortesia da família e amigos.

HITNEY

Quando jovem na fazenda de seu pai em Whitney, Idaho, o Presidente Benson — como os meninos de Whitney atualmente — aprenderam hábitos de trabalho, honestidade e espiritualidade. Da fazenda podemos avistar Little Mountain, onde os avós do Presidente Benson costumavam ficar vigiando os índios saqueadores.

Uma Pequena e Excelente Comunidade

"Jamais me esquecerei da vida numa família ideal, em uma fazenda, numa pequena e excelente comunidade", diz o Presidente Benson. Ele criou-se numa fazenda de aproximadamente trinta e dois hectares, sendo o filho mais velho de George T. e Sarah Dunkley Benson. Nesses hectares costumavam plantar beterraba, e o jovem Ezra, ou "T", como era chamado na família, fazia sua parte do cansativo trabalho de cultivar e colher a beterraba. Noutros sessenta e quatro hectares numa encosta de colina, havia uma plantação de trigo, que ele cortava e debulhava.

Trabalhando nos campos do pai e nos campos de seus vizinhos, num sistema de troca de trabalho que prevalecia em Whitney, o jovem "T" logo adquiriu a reputação de trabalhador e habilidoso.

"Eu dirigia uma parelha de cavalos quando tinha apenas quatro anos de idade, e, não muito mais tarde, cavalgava para reunir o rebanho. Aprendi cedo a ordenhar vacas. Isto se tornou uma responsabilidade importante para mim, durante os anos de crescimento, além de colher batatas e beterrabas, empilhar cereais, colocar feno no estábulo e fazer todas as outras tarefas que cabiam ao filho mais velho, numa fazenda.

O trabalho na fazenda parecia-nos quase contínuo, exceto nos domingos e entardecer dos sábados. Nos dias de chuva, trabalhávamos no galpão das máquinas ou charretes, consertando a maquinaria, passando óleo nos arreios, afiando ferramentas e cortadores de feno, ou pintando o que fosse necessário. Papai sempre tinha tudo planejado para esses dias."

Como a maioria dos meninos de Whitney, "T" tinha pais notáveis. Sua mãe era conhecida pelo senso de humor e bom gênio. Tinha o raro dom de ensinar um menino sem criticá-lo. Certa vez, a caminho da escola, "T" protestou contra a maneira como seu primo George estava tratando Joe, o irmão mais novo de "T".

"Eu lhe disse: — Se você fizer isso mais uma vez, vou-lhe bater. — Ele continuou a apoquentar Joe, e, então começamos a brigar. Tivemos uma boa luta, rolando na terra, e também de pé, e

machuquei o nariz de George, que ficou sangrando.

Finalmente a luta terminou, e George foi para casa, como nós. Quando cheguei, mamãe notou o sangue em minhas mãos e em minha camisa, e perguntou-me o que acontecera. Naturalmente, expliquei-lhe. Ela não me castigou por defender meu irmão mais novo, mas disse: — "T", eu ia fazer pão, mas estou sem fermento. Quero que você vá à casa de Tia Lulu (a mãe de George) e peça um pouco — respondi: — Mamãe, não me peça isso logo depois da briga que tive com o George. Ela disse: — Isso não faz diferença. Preciso do fermento e quero que você vá buscá-lo em casa de Tia Lulu."

O fato de ter que ir à casa da tia e enfrentar seu primo George, fez com que "T" aprendesse mais a respeito de como resolver uma disputa, do que ouvindo um sermão.

Pão Fresco e Manteiga

Sarah Benson destacava-se de outra forma, também. "Mamãe era uma excelente dona-de-casa e cozinheira. Parecia que tudo o que fazia ficava delicioso.

"Quando éramos meninos, lembro-me de que íamos à cozinha e sentíamos o aroma do pão sendo assado. Então pedíamos à mamãe que nos deixasse tirar a crosta do pão e comê-la com manteiga. Às vezes era necessária uma boa argumentação."

O pai de Ezra, George T. Benson, era conhecido como homem trabalhador e honesto.

Em cima: Ezra Taft Benson (sentado) na ocasião de sua formatura do curso secundário com o seu irmão mais novo, Orval.
Embaixo: Os meninos ainda hoje encontram tempo para pescar em Willow Flats no Rio Cub, exatamente como os meninos faziam quando o Presidente Benson era jovem.

Além de ser um cidadão que fazia parte da liderança da cidade, servia no bispado e na presidência da estaca. "Papai sempre foi muito pontual", recorda o Presidente Benson. "Nunca chegava atrasado a uma reunião. Ele estabelecia a hora em que a charrete deveria estar pronta para deixar a fazenda rumo à igreja. Às vezes, se um membro da família se atrasava, ele dava partida na charrete vagarosamente, na hora marcada para a saída, e mais de uma vez as crianças que não estavam prontas precisavam correr para alcançar o resto da família, na charrete."

Quando era pequeno, "T" não teve muitas das facilidades que agora julgamos naturais. "Não havia eletricidade, nem água corrente. Lembro-me de tomar banho numa grande tina, colocada na cozinha. A água era aquecida no fogão, e as meninas tomavam banho primeiro. Depois os meninos entravam, carregavam a tina e jogavam a água fora, substituindo-a por água limpa que era então usada para o banho deles. Ocasionalmente havia banhos especiais, se íamos a alguma função especial." Mais tarde, "T" ajudou o pai a instalar eletricidade e água corrente na casa.

A família Benson foi crescendo até ter onze filhos. "Nossa casa, naturalmente, havia sido ampliada, de acordo com o aumento da família. No quarto grande, no andar superior ficavam os cinco meninos. Com o crescimento da família, dois dos meninos (geralmente os mais velhos) dormiam no alpendre protegido por tela, construído ao lado da cozinha. Mais de uma vez acordei com uma fina camada de neve cobrindo minha cama.

"Tínhamos ótima saúde, entretanto, e poucas doenças sérias, a não ser em épocas de epidemia. Lembro-me de que todos nós tivemos sarampo, caxumba e catapora. Quando a primeira das crianças apanhou catapora, foi isolada em um dos quartos, mas logo a segunda ficou doente, a terceira, e a quarta, até que o quarto ficou cheio. Lembro-me de que todos nós tivemos catapora, mas passamos bem. Havia grande união e amor na família."

Muito Divertimento

Embora os meninos de Whitney trabalhassem muito, havia muita diversão também. "Íamos nadar, patinar no gelo e andar a cavalo. E fazíamos coisas que, para um menino, significavam metade trabalho, metade brincadeira, como arrebanhar o gado nas montanhas. Eu adorava animais, especialmente cavalos, e geralmente conseguia ter minha própria montaria. Um acontecimento muito especial era ir acampar, pescar ou caçar com meus pais ou amigos. Sentia-me cheio de paz e inspiração quando fazia esses passeios, e me maravilhava diante da obra da criação de Deus.

"Também jogávamos bola. O basquete era um dos esporte prediletos dos rapazes, meninos e pais, em minha meninice. Papai e mamãe se interessavam muito por basquete, uma vez que tinham sete filhos que jogavam.

Foi um dia de grande felicidade aquele em que papai permitiu que usássemos um pedaço de terreno para fazer uma quadra de basquete. Mais tarde ele desafiou as famílias da vizinhança para um jogo. Provavelmente tivemos sorte de ninguém ter aceitado o desafio."

O Primeiro Carro da Família

Embora o Presidente Benson gostasse muito de cavalos e sempre admirasse mais um bom cavalo do que um bom carro, ficou entusiasmado quando o pai comprou o primeiro carro da família. "Era um Dodge 1915, de construção sólida e substancial, mas a suspensão não era muito boa naqueles dias, e ele sacolejava pela estrada como uma carroça de feno. Havia poucos carros na comunidade. Tio John Duckley foi o primeiro a comprar um. As crianças todas cercavam o carro, após a Escola Dominical, a fim de vê-lo girar a manivela para dar partida. Não havia estradas pavimentadas em nenhum lugar do país.

Ocasionalmente papai nos deixava dirigir para uma cidade distante, a fim de assistirmos a um jogo de basquete, irmos a um baile ou qualquer outro entretenimento. Num sábado fomos a Logan. Há uma pequena descida ao sul de Logan, e eu forcei o carro até seu limite, nesse dia, chegando à velocidade de mais ou menos oitenta e dois quilômetros por hora. Quando contei a papai e aos membros da Ala de Whitney o que fizera, eles ficaram chocados ao pensar que eu ousara guiar nessa velocidade incrível, e pareceram questionar o fato de que o carro realmente pudesse andar tão depressa. Finalmente precisei pedir o testemunho

Ezra Benson deu um bom exemplo a seus irmãos (da esquerda para direita) Volco "Ben", Ross, George, Valdo, Orval e Joseph. Ezra e seu pai, George, estão à direita.

dos outros rapazes que estavam comigo, e que confirmaram minha afirmação, tendo esse sido o recorde de velocidade conhecido na comunidade, naquela época."

"T" fez o curso primário numa escola de três salas. "Comecei a freqüentar a escola aos oito anos, terminei aos quatorze, um menino grande para minha idade, e sentido que terminara minha educação. Em minha infância, na fazenda, geralmente íamos a pé para a escola. Entretanto, na época das chuvas ou no inverno, costumávamos ir de charrete, ou num trenó puxado por cavalo."

Novos Amigos no Ginásio

Depois ele cursou o ginásio na Academia da Estaca Oneida, na localidade vizinha de Preston. "Cavalgava cinco quilômetros de ida e cinco de volta, e quando o tempo estava ruim, era um problema chegar em tempo para a aula das oito horas. Como os outros, freqüentemente ficava em casa ajudando na fazenda, ao invés de ir à escola, especialmente no outono, até depois da colheita, e na primavera, durante a estação do plantio."

Na academia, "T" fez uma importante amizade, que seria por toda a vida: Harold B. Lee, que, como "T", acabou tornando-se presidente da Igreja. "Harold e eu freqüentamos a escola juntos, na Academia da Estaca Oneida. Cantamos no primeiro coral da escola."

"T" foi um importante jogador do time de basquete do ginásio, como seria, mais tarde, na Universidade Estadual de Utah. Seus pais e familiares estavam sempre presentes para incentivá-lo. Certa vez, um dos oponentes de "T" foi um rapaz chamado Marion G. Romney, que se tornaria presidente do Quorum dos Doze.

Numa pequena cidade mórmon, como Whitney, a religião estava no ar que todos respiravam. Era o centro da existência da comunidade. "Papai e mamãe ensinavam à família dedicação total à Igreja e completa integridade no pagamento do dízimo e ofertas", declara o Presidente Benson. Muitas vezes relata o que aconteceu, certa vez que seu pai precisou escolher: pagar o dízimo ou uma dívida de cinqüenta dólares. Ele pagou o dízimo, e quase imediatamente recebeu uma oferta inesperada de cinqüenta dólares por um equipamento elevador de feno que construíra.

Uma das grandes lições de devoção ao evangelho, foi quando George T. Benson foi chamado para a missão. "Eu tinha cerca de treze anos, quando papai recebeu o chamado para a missão. Ele aceitou, deixando mamãe em casa com sete filhos. O oitavo nasceu quatro meses depois que ele chegou ao campo missionário, mas jamais ouvimos uma queixa de mamãe; ela apoiava plenamente o marido.

O Espírito da Obra Missionária

"As cartas que recebíamos de papai eram verdadeiras bênçãos. A nós, crianças, pareciam vindas da outra metade do mundo, mas vinham apenas do outro lado do país. Com isso, nosso lar encheu-se do espírito da obra missionária, que nunca mais o abandonou.

Papai retornou, e enquanto estávamos todos ordenhando as vacas, ele cantava, repetidamente, "Ó Anciãos de Israel", "Israel, Jesus Te Chama", "Atende, Tu que Tens", "Ó Vós, que Sois Chamados", até que aprendi cada palavra de vários desses grandes hinos missionários. Hoje não necessito de um hinário quando cantamos esses maravilhosos hinos que papai cantava para nós, de manhã e à noite."

Como a maioria dos meninos de Whitney, "T" tinha o desejo de pregar ele mesmo o evangelho. Quando criança, sentava-se na Escola Dominical, ouvindo os ex-missionários que falavam dos "dois anos mais felizes" de sua vida. Mesmo quando relatavam perseguições sofridas, isso apenas avivava a chama missionária em seu jovem coração. Mais tarde, ele se dirigiu ao patriarca da estaca, para pedir uma bênção. "O Irmão Dalley proferiu a bênção sobre minha cabeça, a qual incluía a resposta à oração de um menino. Foi-me prometido que, se permanecesse fiel, naturalmente, eu sairia em missão pelas nações da terra, e elevaria a voz em testemunho, e muitos se ergueriam para abençoar meu nome, devido à minha influência, ajudando-os a entrar na Igreja.

Fui para casa andando nas nuvens, de tão feliz. Não tinha dúvidas de que um dia sairia em missão."

Quando chegou o tempo, "T" aceitou um chamado para a Missão Britânica. O início da frutífera missão do Elder Benson é o início do fim desta história de um menino de Whitney. O menino voltaria dois anos e meio mais tarde, não mais menino, mas um homem experimentado e amadurecido. Passou vários anos na área de Whitney, serviu como chefe-escoteiro, casou-se com uma mulher bela e justa, cresceu e aprendeu, mas isso é uma outra história.

Entretanto, podemos afirmar que o Irmão Benson, Elder Benson e Presidente Benson jamais deixou de amar sua cidade natal, jamais deixou de visitar sua antiga ala, jamais deixou de rever seus velhos amigos, porque um menino de Whitney não esquece. □